

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

NATÃ LUÍS RAPHAEL VICENTE GOMIERO

A IDENTIFICAÇÃO DA CRUZ DE CRISTO COM O SOFRIMENTO HUMANO,
SEGUNDO JÜRGEN MOLTMANN

CAMPINAS

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS SOCIAIS E APLICADAS
FACULDADE DE TEOLOGIA
NATÃ LUÍS RAPHAEL VICENTE GOMIERO

A IDENTIFICAÇÃO DA CRUZ DE CRISTO COM O SOFRIMENTO HUMANO,
SEGUNDO JÜRGEN MOLTSMANN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Teologia do Centro de Ciências
Humanas Sociais e Aplicadas, da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas, como
obtenção do grau de bacharelado.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Alexandre Boratti
Favretto

CAMPINAS

2022

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

232.903 Gomeiro, Natã Luis Raphael Vicente

G633i

A identificação da cruz de Cristo com o sofrimento humano, a partir de Jürgen Moltmann / Natã Luis Raphael Vicente Gomeiro. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

70 f.

Orientador: Alexandre Boratti Favretto.

TCC (Bacharelado em Teologia) - Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Teologia, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Cristologia. 2. Escatologia. 3. Pastoral. I. Favretto, Alexandre Boratti. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Teologia. III. Título.

CDD - 22. ed. 232.903

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
NATÃ LUÍS RAPHAEL VICENTE GOMIERO

A IDENTIFICAÇÃO DA CRUZ DE CRISTO COM O SOFRIMENTO HUMANO,
SEGUNDO JÜRGEN MOLTSMANN

Dissertação defendida e aprovada em 28 de Junho de
2002 pela comissão examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Boratti Favretto

CAMPINAS

2022

Dedico este trabalho à minha querida irmã que, com grande coragem e fé, nos testemunhou que os sofrimentos só podem ser suportados em Jesus Cristo.

“Quando tiveres algum aborrecimento, lembra-te de Cristo crucificado e cala-te.”

São João da Cruz

RESUMO

Objetiva-se o presente trabalho estudar a identificação da cruz de Cristo com sofrimento humano, segundo o teólogo Jürgen Moltmann. Justifica-se o presente estudo pelas diversas formas de sofrimento que assolam a vida do homem. Diante desse paradigma de dor e limitação das faculdades humanas, qual seria o melhor caminho a seguir? A fé cristã pode de forma válida contribuir para o sofrimento? A partir disso, quais caminhos discernir para um aconselhamento pastoral evidentemente cristão? Iremos responder a tais perguntas à luz de nosso teólogo que desenvolve seu pensamento tendo como referencial a cruz de Cristo. Não obstante, nosso teólogo estabelece seu construto epistêmico a partir de sua experiência pessoal de vida no contexto de guerra. Sua experiência diante da morte e dor que assolaram dezenas de militares repercutiram em sua vida de modo a fomentar a sua busca por Deus. É neste contexto que Moltmann identifica a cruz de Cristo nas realidades de dor e sofrimento humano. O evento da cruz afeta o próprio ser de Deus. Sob este madeiro, símbolo de escárnio e mutilação humana, Deus mesmo experimenta o abandono passando pela morte em solidariedade para com o gênero humano. Neste sentido, Deus revela o seu *pathos*, a sua paixão pela salvação do homem, a sua total proximidade. Nosso teólogo diante dessas luzes, propõe um caminho de libertação psíquica do homem, rumo à maturidade cristã. Ao cristão cabe o dever de superar a *apatheia* em sentido antropológico e se identificar com a mesma solidariedade de Deus presente em Jesus. O homem deve assim, tornar-se *homo sympatheticus* capaz de corresponder ao amor de Deus revelado mesmo diante do sofrimento. Diante de tal teologia urge a necessidade de sua aplicação no âmbito pastoral de modo que se a mensagem cristã responda às realidades de sofrimento.

Palavras-chaves: Cristologia; Escatologia; Cruz; Jürgen Moltmann; Pastoral.

ABSTRACT

The objective of the present work is to study the identification of the cross of Christ with human suffering, according to the theologian Jürgen Moltmann. The present study is justified by the various forms of suffering that plague the life of man. Faced with this paradigm of pain and limitation of human faculties, what would be the best way forward? Can the Christian faith validly contribute to suffering? Based on this, what paths can we discern for clearly Christian pastoral counseling? We will answer such questions in the light of our theologian who develops his thought with the cross of Christ as a reference. Nevertheless, our theologian establishes his epistemic construct from his personal experience of life in the context of war. His experience in the face of death and pain that plagued dozens of soldiers had an impact on his life in order to foster his search for God. It is in this context that Moltmann identifies the cross of Christ in the realities of human pain and suffering. The event of the cross affects the very being of God. Under this tree, symbol of mockery and human mutilation, God himself experiences abandonment passing through death in solidarity with the human race. In this sense, God reveals his *pathos*, his passion for the salvation of man, his total closeness. Our theologian, in the face of these lights, proposes a path of man's psychic liberation, towards Christian maturity. The Christian has the duty to overcome *apatheia* in the anthropological sense and identify with the same solidarity of God present in Jesus. Man must thus become homo *sympatheticus* capable of responding to the love of God revealed even in the face of suffering. Faced with such theology, there is an urgent need for its application in the pastoral sphere so that the Christian message responds to the realities of suffering.

Keywords: Christology; Eschatology; Cross; Jürgen Moltmann; Pastoral.

LISTA DE ABREVIATURAS

DV – *Dei Verbum*

SD – *Salvifici Doloris*

GS – *Gaudium et Spes*

LG – *Lumen Gentium*

Mc – Marcos

Mt – Mateus

Lc – Lucas

1Ped – 1ª Pedro

1Cor – 1ª Coríntios

Ef – Efésios

Gal – Gálatas

Fl – Filipenses

Rm – Romanos

Sl – Salmos

Jó – Jó

At -Atos dos Apóstolos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. POR UMA TEOLOGIA DA CRUZ	16
1.1 A identificação entre sofrimento humano e seus desdobramentos epistemológicos.....	16
1.2 A cruz como <i>locus theologicus</i> da reflexão de Moltmann sobre o sofrimento: uma biografia teológica.....	20
1.3 A cruz como teologia crítica.....	24
2. O DEUS CRUCIFICADO	30
2.1 Pressupostos epistemológicos para a compreensão da cristologia de Jürgen Moltmann.....	31
2.2 Cristologia Trinitária.....	34
2.3 Cristologia escatológica.....	38
2.4 Cristologia solidária.....	43
3. CRUCIFICADOS COM CRISTO: O IMPACTO DA TEOLOGIA DE MOLTSMANN PARA UM ACONSELHAMENTO PASTORAL	49
3.1 O sentido que a religião cristã outorga para o sofrimento.....	49
3.2 O aconselhamento pastoral em situações de sofrimento em <i>Salvifici Doloris</i>	54
3.3 A aplicação da teologia da esperança de Jürgen Moltmann na pastoral da saúde.....	57
CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS	68

INTRODUÇÃO

O sofrimento e a morte são para o homem, um enigma. Para crentes ou ateus, as fatalidades da vida colocam em xeque o viver do homem. Cada qual busca de acordo com aquilo que acredita ou que experienciou em sua vida dar uma explicação válida ou no mínimo convincente para determinado evento fatídico. Todos esses esforços revelam a nossa capacidade de adaptabilidade diante de tais situação. No entanto, poderia o homem acaso descobrir o real significado de sua vida diante do sofrimento e da morte?

Mesmo que um homem possua muitos bens, que tenha acesso a melhor equipe médica e o mais sofisticado tratamento paliativo para sua dor, nada lhe é garantia. O homem continua sendo tolhido e acuado pela fragilidade da vida. O que fazer nesse momento? A vida acontece sem manuais. Existimos sem assinar de antemão qualquer cláusula que nos impedisse de sofrer. Haveria assim, ao menos algo que o homem possa se ancorar para viver o sofrimento e passar pelo vale tenebroso da morte, como evoca o salmista?

No infortúnio, a teologia bíblica veterotestamentária evoca o consolo da presença de Deus: “[...] porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam”.¹ Deus é o bom pastor, conduz o homem e está presente em sua vida. Não obstante, o fato do crente se colocar na presença de Deus, não elimina qualquer vivência de dor ou sofrimento. É notório que o sofrimento é inerente à vida humana. Ao homem, não lhe escapa a vulnerabilidade da vida, revelando a sua impotência e total necessidade por transcendência. É a essa busca por transcendência do homem, que a Revelação de Deus na história humana acontece e, desse modo, vem lhe apresentar um projeto existencial a partir da vida de Jesus.

A cruz, símbolo de total ignomínia, na paixão de Jesus e na história da fé cristã, encontra seu significado redimensionado na Revelação de Deus: “[...] Cristo nos resgatou da maldição da Lei tornando-se maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro, a fim de que a benção de Abraão em Cristo Jesus se estenda aos gentios, e para que, pela fé, recebamos o espírito prometido”².

Jesus, ao abraçar a cruz, cumpre em tudo a vontade do Pai e revela, ao mesmo tempo, que este patíbulo ignominioso é o patíbulo salvífico para todo aquele que crê. É na aceitação humana do madeiro de Cristo, que se faz presente em diversas realidades da história da salvação, que é acolhida a oferta da total transcendência do homem, posta como condição ao

¹ Sl 23, 4.

² Gl 3, 13s.

seguimento de Jesus: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, toma a sua cruz e siga-me”³.

Notamos então, uma implicação antropológica do símbolo da cruz que se revela ao homem. Jürgen Moltmann, desenvolve em sua teologia crítica, o tema da cruz como *locus theologicus* para toda e qualquer sistematização teórico-teológica, e lança seus debates acerca das interpretações da cruz ao longo da história: “O ambiente religioso e humanista do cristianismo desprezou a cruz desde o princípio, pois esse Cristo desumanizado contradizia todos os conceitos de Deus, do homem e do homem divino”⁴.

A cruz para nosso teólogo não é acessória da fé cristã. Ela compõe o real significado para toda e qualquer reflexão teológica, dá sentido a toda experiência de vida que podemos denominar de cristã. Não obstante, na cruz tão exaltada pelos cristãos ao longo da história do cristianismo, Jesus, o próprio Deus, não esvai da cruz. Jesus está lá, pregado. Sofreu como qualquer outro ser humano.

É a partir dessa perspectiva teológica que a presente pesquisa, tentará se debruçar: a identificação da cruz de Cristo com o sofrimento humano. Conjugando a inerência do sofrimento na vida humana e o sentido teológico da cruz do Cristo morto e ressuscitado, buscar-se-á responder qual o sentido da teologia da cruz para o sofrimento humano.

O símbolo da cruz de Cristo, elemento fontal para a fé cristã, inaugura uma nova perspectiva para o sofrimento do homem, como sublinhado na Carta Apostólica, *Salvifici Doloris*, de João Paulo II: “À medida que o homem toma a sua cruz, unindo-se espiritualmente à Cruz de Cristo, vai-se lhe manifestando mais o sentido salvífico do sofrimento. O homem não descobre este sentido ao seu nível humano, mas ao nível do sofrimento de Cristo”⁵. De encontro com as reflexões de João Paulo II, estão as considerações de Jürgen Moltmann, que identifica que na cruz de Jesus Cristo não está somente presente a redenção do sofrimento de Cristo, mas a redenção de todo sofrimento humano:

Por isso, os sofrimentos do abandono são superados com o sofrimento do amor, que não se afasta do doente e do repulsivo, mas o acolhe e leva para a cura. Por meio de seu sofrimento, ele traz salvação aos sofredores. Por sua morte, ele traz vida eterna para aqueles que morrem. É por isso que o Cristo atacado, marginalizado, sofredor e moribundo ocupou o centro da religião dos oprimidos e da piedade dos que carecem de salvação⁶.

³ Mc 8, 34.

⁴ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, 2020, p. 63.

⁵ SD, n. 26.

⁶ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, 2020, p. 72.

Não obstante, na vida do Crucificado que se identifica com o sofrimento humano, há um processo escatológico elencado por Moltmann, que apresenta ao homem um caminho de transcendência diante de seu sofrimento. O “Crucificado é o Ressuscitado”, diz o autor acerca de Jesus. O abandono sofrido pelo Filho de Deus na cruz, é superado por sua glorificação à direita do Pai. Há para o cristão, um caminho a ser percorrido, um caminho de identificação com a cruz de Crucificado. Desse modo, os cristãos encontram na cruz do Ressuscitado, a resposta para o seu sofrimento. Sua conrucificação com Cristo, lhes garantirá o prêmio da salvação eterna e já no hoje da sua história da salvação, podem dizer como o apóstolo: “É Cristo que vive em mim”⁷.

No movimento de “descida”, na *kenosis* do Verbo de Deus à humanidade, há a revelação do amor intrínseco d’Este aos homens, manifestado também no “abraçar” do sofrimento. O sofrimento humano é então divinizado, por justamente ser assumido pelo próprio Deus em Jesus Cristo. Infere-se que o elemento fundante da Paixão de Cristo está assentado no amor ontológico de Deus aos homens e que os sofrimentos de Cristo são decorrentes deste amor oblato, que se doa em amor aos homens.

Não obstante, presente nos Evangelhos e na Tradição cristã, está o sentido participação dos fiéis nos sofrimentos de Cristo. Como ressoa no escrito do apóstolo Paulo: “Estou conrucificado com Cristo”⁸ e, ainda, “Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e para o mundo”⁹. É nesta perspectiva da fé, sob a efígie da cruz, que a espiritualidade cristã, baseada na pessoa de Cristo, apresenta o seu caráter antropológico ao homem, imputando ao cristão, um sentido existencial no qual o sofrimento é ressignificado.

Contudo, a cruz em seu significado escatológico, insere já no hoje da fé do homem a perspectiva de transcendentalidade humana, ao passo que a cruz do Crucificado é a cruz daquele que ressuscitou. Assim, o estudo da identificação da cruz de Cristo com o sofrimento humano, traz para o bojo do estudo das ciências teológicas, as implicações cristológicas para o âmbito antropológico.

Jesus revela para a humanidade, o *pathos* de Deus, a sua paixão. Paixão que decorre do anúncio do seu Reino guiado pelo Espírito Santo. Espírito que subjaz toda história da salvação e que em Jesus, revela o ser de Deus em seus gestos e palavras. Desse modo, Moltmann sublinha

⁷ Gl 2, 20.

⁸ Gl 2, 20a.

⁹ Gl 6, 14.

a originalidade da revelação acontecida em Jesus, que revela um Deus próximo, que se solidariza para com o gênero humano, ao passo que em sua *kenosis*, vai ao encontro do homem.

Tal teologia de Moltmann é relevante sobretudo para o âmbito pastoral da Igreja, visto que o sofrimento é constitutivo da vida humana e a fé assim, se insere na esfera prática e existencial do homem. A fé quando alicerçada nas estruturas da vida humana, abre novos horizontes de possibilidades para o homem. Assim, diante do sofrimento, o homem não está só, encontra Deus ali.

Diante da dor e do sofrimento, o homem pode não compreender a sua causa ou seu porquê, mas pode se orientar pelo caminho da fé cristã, que para o nosso teólogo, é fundamentalmente esperança. O horizonte da esperança insere no momento presente, o futuro em Deus. O homem então, encontra em Jesus a sua promessa: a Ressurreição, a plenitude da vida. Sob este aspecto é que se configura uma verdadeira pastoral da saúde.

Saber lidar com as situações mais difíceis da vida humana, situações em que até mesmo o amor de Deus parece estar colocado em xeque: se Deus e ama, porque sofre? É neste momento que o significado da cruz de Jesus se apresenta como proposta, não de abnegação diante da dor, mas de confiança na ressurreição. O homem que sofre compreende o significado de sua dor à luz do Ressuscitado, e por isso, é capaz de trilhar um caminho de amor mesmo na dor.

A Igreja desse modo, em seu trato pastoral deve anunciar para todo aquele que sofre, o desígnio salvífico e amoroso de Deus, que extrapola aquilo que o homem pode conhecer acerca da dor e do sofrimento. O sofrimento e a dor, iluminados à luz do Cristo, crucificado e ressuscitado, se tornam elementos de resposta humana à Deus, ao passo que são ressignificados em Cristo.

Desse modo, abordaremos em nosso trabalho num primeiro momento, uma referência à biografia de nosso autor, seguido de sua teologia crítica acerca da cruz. Num segundo momento trataremos da contribuição cristológica de Moltmann em perspectiva escatológica e solidária. Por fim, iremos elucidar os elementos de sua teologia que são perfazem todo aconselhamento pastoral que de fato, em seu caráter orientativo fomente a convicção da fé cristã em meio ao sofrimento.

1. POR UMA TEOLOGIA DA CRUZ

Neste primeiro capítulo, a modo de elucidar o pano de fundo de nosso presente tema, apresentaremos a identificação entre o sofrimento humano em diversas perspectivas teológicas. É razoável que apresentemos as atuais reverberações acerca do tema em virtude da realidade existencial do homem, permeado pela experiência de sofrimento. É neste cenário que o nosso intento se debruça sobre o teólogo alemão Jürgen Moltmann, que soube bem captar em sua própria vida, os elementos que veremos.

No centro de sua teologia, o pensador evoca o significado teológico da cruz para toda e qualquer construção epistemológica da disciplina. Estudar a pessoa de Jesus Cristo, não se faz de modo estanque à sua cruz, mas é a partir dela que poderemos esboçar uma autêntica figura de Deus, como veremos em nosso segundo capítulo. Desse modo, apresentaremos como último tópico deste presente capítulo, a *theologia crucis* desenvolvida por Moltmann, que já delinea a sua importância para o trato pastoral que abordaremos em nosso terceiro capítulo.

1.1 A identificação entre sofrimento humano e seus desdobramentos epistemológicos

No percurso da existência humana, o sofrimento se insere de maneira substancial, numa relação *sine qua non*. Não há vida humana que se isente de qualquer vicissitude, de qualquer percalço que nos defronte, que nos revele a nossa finitude diante da nossa própria existência. O sofrimento assim emudece o homem diante da liberdade da vida, o limita, impacta as suas convicções e valores. Faz suspender a alegria que brota da vida, estratificando o homem: “Estamos, portanto, no domínio onde o pensamento é mais mobilizado, onde as energias são mais convocadas e onde, em síntese, todo o tecido, psicossomático, da pessoa é submetido a um desgaste mais acentuado”¹⁰. O sofrimento se faz presente então, na esfera da vida humana. O mundo está marcado pela dor, seja através de desastres naturais, guerras ou tragédias¹¹. Não obstante, o sofrimento também é fruto da má administração do homem em relação ao mundo:

O ser humano se fez mais vulnerável. Considerada a época derradeira da humanidade, vivemos numa época em que o fim da humanidade pode ser provocado a qualquer

¹⁰ CARVALHO, J. C. *Notas biográficas e teológicas sobre Jürgen Moltmann. Humanística e Teologia*, 2007, p. 92.

¹¹ CARVALHO, G. S; M. R. *Da apatia à simpatia: uma reflexão da participação de deus no sofrimento humano a partir de Jürgen Moltmann*. Teológica betânia – Fatebe e coordenador de Teologia da Faculdade São Braz. Curitiba-PR, 2007, p. 78.

momento. Esta é uma situação nova da história da humanidade. Pois o próprio ser humano se tornou perigoso para si mesmo promovendo uma ameaça generalizada através de sistemas de extermínio massivo, atômico, químico e biológico, e através da destruição progressiva da natureza¹².

Diversas doenças interpelam a vida do homem. Diante do sofrimento, os alicerces da vida são abalados: “A intensidade do sofrimento chega a atingir tais proporções que o próprio sentido da existência é profundamente questionado. De facto, quanto maior é o sofrimento, menores parecem ser as possibilidades de vislumbrar um sentido para a vida”¹³. Não obstante, segundo Léo Pessini, vivemos numa sociedade dominada pela analgesia, em que fugir da dor se apresenta como o melhor caminho. A dor então, é repelida pelo homem. Sofrer não faz mais sentido para o homem secularizado¹⁴.

Nesse sentido, parece que não estamos preparados para o encontro com o sofrimento, que constrange até mesmo o discurso do pastoralista: “Também o pastoralista se vê confrontado com a radical pobreza da linguagem neste campo. É que, se junto das gerações mais avançadas em anos, a linguagem religiosa pode encontrar algum acolhimento, já no contacto com os mais jovens dificilmente receberá a mesma ressonância”¹⁵.

O sofrimento ainda, segundo Angelino Tchindombe Kamati, parece pertencer à transcendência do homem, sendo que, pelo qual parece estar destinado a superar-se¹⁶. O grito de Jesus na cruz, foi um desespero ou uma oração? Como superar o paradigma do sofrimento? Na significação da vida humana, a fé se levanta diante do homem e lhe apresenta um caminho, que lhe confere sentido existencial: Qual o sentido que darei à minha condição humana?

Não obstante, podemos nos perguntar: qual o sentido do sofrimento para o homem? Diante de tais questionamentos, que não partem somente do âmbito antropológico e filosófico, mas que também se fazem presente na história da ciência teológica, podemos traçar os caminhos que tal ciência permitiu permutar com a existência do homem, e desse modo: “A linguagem desempenha assim uma função hermenêutica muito importante para o conhecimento de cada um. Mediante ela, chega-se à conclusão de que o homem concreto não é só a sua individualidade particular, abrangendo também a sua dimensão social”¹⁷. Com isso, sobretudo na literatura

¹² LEITE, F. G. *Da apatia à compaixão: o sofrimento da criação e o sofrimento de Deus em Cristo segundo Jürgen Moltmann*. MS thesis. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008, p.18.

¹³ TEIXEIRA, J. A. P. *O mistério do sofrimento: problemas e possibilidade* in *Revista Didaskalia*, 2000, p. 93.

¹⁴ PESSINI, L. *Humanização da dor e sofrimento humanos no contexto hospitalar* in *Revista Bioética*, 2009, p. 57.

¹⁵ TEIXEIRA, J. A. P. *O mistério do sofrimento: problemas e possibilidade* in *Revista Didaskalia*, 2000, p. 97.

¹⁶ KAMATI, A. T. *O sentido do sofrimento humano: à luz da carta apostólica «Salvifici Doloris»*. Diss. 2014, p. 17.

¹⁷ Idem, p. 98.

bíblica e sistemática, notamos a permuta entre sofrimento humano e fé cristã. Constatamos, desse modo, que o sofrimento é intrínseco à vida humana:

Ninguém, com efeito, passa ao lado do sofrimento. Doenças, epidemias, acidentes e catástrofes, casos de violência em série, expectativas não satisfeitas, injustiças não superadas, tudo isto pertence ao universo mais marcante de cada ser humano; aquele que lhe permite concluir, como nenhum outro, que é alguém. Sofro, logo existo: poder-se-á dizer então, pese embora o fundo cartesiano da formulação. No fundo, mais do que deduzir o sofrimento a partir da existência, do que se trata é de encarar a existência a partir do próprio sofrimento¹⁸.

O próprio fundador da fé cristã, o Deus revelado no Crucificado, não se isentou de qualquer sofrimento. É nuclear o tema do sofrimento nos Evangelhos, que atrelam o significado da cruz para o seguimento da fé cristã, o carregar a cruz se torna indispensável para qualquer experiência da fé cristã. Notamos então, segundo Félix Alejandro Pastor, que na vida cristã, há uma tensão entre transcendentalidade e imanência da vida humana¹⁹. Este vínculo entre imanência e transcendência, na experiência cristã, passa essencialmente pela cruz de Cristo.

A cruz do Crucificado, não é então, um símbolo periférico, um acessório à parte da fé cristã, mas insere na vida do cristão, a epifania do próprio mistério de Cristo, o Deus revelado. A cruz, se torna então, um *locus* de integralidade para o homem, na qual transcendência e imanência se interpolam, integrando finitude e infinitude, prática e bem-aventurança, padecimento e alegria, morte e ressurreição. Notamos então, que há uma relação entre autotranscendência humana e a encarnação do Verbo de Deus, entre o portador da salvação, e os homens²⁰. Nesse processo de autocomunicação de Deus aos homens, ocorre então, um diálogo, que pode ou não ser respondido pela sua criatura permeada por sua mundaneidade e historicidade.

O ouvinte da palavra, que responde à oferta gratuita de Deus, participa da eternidade de Deus. É o que diz M. D. Chenu: “Assim, para o cristão, o acontecimento, dia após dia, comporta uma densidade escatológica, não por uma evasão fora do tempo, mas sim por uma referência concreta e atual ao acontecimento absoluto, que é Cristo, Deus presente na história”²¹. Tal é o

¹⁸ Idem, p. 92.

¹⁹ PASTOR, F. A. *A Lógica do Inefável*. Aparecida – Editora Santurário, 2012, p. 213.

²⁰ Nessa relação, segundo Karl Rahner, entre o portador da salvação, o próprio Deus que se autocomunica e oferta-se ao homem, há a concessão da graça de Deus. A união hipostática de Deus é a própria graça ofertada a toda humanidade, dada através de Cristo. Segundo o teólogo: “A natureza espiritual do homem é criada de início por Deus porque Deus quer comunicar-se a si mesmo: a criação de Deus pela causalidade eficiente ocorre porque ele quer doar-se a si mesmo por amor.” (cf. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. São Paulo, Paulus, 2015, p. 48).

²¹ Cf. CHENU, M. D. *Povo de Deus no mundo*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1969, p. 28.

sentido da efígie da cruz, que não se esgota no momento presente da história humana, mas que se abre à sua total e plena transcendência:

É no símbolo da cruz que a fé cristã reconheceu a dimensão humana e a divina do Deus crucificado. Essas dimensões de alguma forma se inter-relacionam. Cada qual tem sua própria identidade. A experiência humana com a cruz é singular em cada pessoa, embora, ela tem o aspecto social. A cruz não é simbólica em si mesma. Ela é constituída simbolicamente por algum tipo de experiência humana. Para os cristãos a cruz pode ser símbolo de sua fé, ou simplesmente um signo, ou um amuleto. Pode ser símbolo de luta, de um ideal a ser vivido e alcançado ou de simplesmente violência, tortura, atrocidade, barbaridade. No entanto, a cruz enquanto símbolo é remissiva, envia os cristãos para outra realidade que é a que importa existencialmente²².

O cristianismo nascente bem entendeu a importância da identificação da cruz de Jesus para o seu seguimento. Assim, diz o Evangelho de Marcos: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”²³. A Igreja primitiva, presente no esboço da Carta de Barnabé, composta em meados do século II, identifica o real significado do santo madeiro, não só na revelação plena e definitiva de Deus no evento Jesus Cristo, mas no preâmbulo dos escritos veterotestamentários: “Outra vez ainda, no momento em que Israel sucumbia, Moisés fez prefiguração a Jesus, mostrando que ele devia sofrer, e, justamente aquele que acreditavam estar morto na cruz, haveria de dar a vida”²⁴.

Não obstante, o próprio apóstolo Paulo, em suas cartas, ao delinear acerca de seu ministério e vocação cristã, evoca o sinal da cruz como distintivo do verdadeiro cristão: “Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca de sabedoria; nós porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus”²⁵.

Segundo o teólogo Jürgen Moltmann, através do qual nosso intento irá se debruçar, urge a necessidade teológica de um verdadeiro significado da cruz que perdera sua correspondência com a cruz do Crucificado: “À perda da fé e sua identidade por meio da queda na descrença e em outra identidade corresponde exatamente a perda da fé e sua identidade em Cristo por meio da mesquinhez de fé e de medo”²⁶. Tal distanciamento do verdadeiro cristianismo, de seu

²² CARVALHO, J. C. *Notas biográficas e teológicas sobre Jürgen Moltmann. Humanística e Teologia*, 2007, p. 92.

²³ Mc 8, 34.

²⁴ FRANGIOTTI, R, I. STORNILOLO, and M. BALANCIN. *Carta a Barnabé* in “Padres apostólicos.” *São Paulo: Paulus* (1995). p. 304-305.

²⁵ 1Cor, 22-24.

²⁶ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, 2020, p. 38.

verdadeiro significado, faz da fé cristã não somente mesquinha, mas também leva à sua superstição, segundo o teólogo²⁷.

Essas asserções de Moltmann, geraram discussões com a teologia católica, elencados por Maria Clara Lucchetti Bingemer. A autora de “O Deus desarmado”, aponta por exemplo, que a recepção da *theologia crucis*²⁸ de Moltmann acerca do “Deus crucificado”, em John Sobrino depreendeu o “Povo crucificado”²⁹.

Diante de tais asserções acerca do sofrimento e seus desdobramentos no âmbito epistemológico, podemos concluir que há uma identificação entre a cruz de Cristo e o sofrimento humano. É de fato, instigante a cultura cristã que identifica um Deus com o sofrimento em si. O homem que busca meios para suportar a sua dor, encontra em Cristo o seu aporte. Desse modo, podemos dizer, que diante do sofrimento, há um ponto de encontro entre Deus e o homem, um lugar de interpelação entre ambos. Para bem melhor elucidar este cenário de diálogo, nosso segundo tópico abordará uma necessária existência teológica, vivida por nosso teólogo em questão.

1.2 A cruz como *locus theologicus* da reflexão de Moltmann sobre o sofrimento: uma biografia teológica

Diante dessa teologia crítica que busca resgatar o *locus theologicus* da cruz para a reflexão teológica, podemos questionar qual o significado da cruz de Cristo para o sofrimento humano. Poderemos assim, arrancar da cruz esse papel odioso e blasfematório por muitos crentes?³⁰ Como compreender o sofrimento enquanto uma realidade existencial, que leva o homem diante da dor, a se perguntar pelo seu Criador³¹. Notamos aqui uma correlação entre homem e Deus. O homem que experimenta a dor e o sofrimento e busca sua resposta em Deus. Diante do sofrimento, há uma “existência teológica”³², como diz Moltmann, há um ponto de

²⁷ Cf. Idem, p. 41.

²⁸ Segundo Pacelli, Moltmann retoma o termo *teologia crucis* com o mesmo significado da teologia de Lutero. Este termo, foi utilizado em 1518 por Lutero no debate em Heidelberg, para expressar o conhecimento reformador do Evangelho libertador do Crucificado contra a *teologia gloriae*, medieval. (Cf. AGUIAR, E. P. C. *Deus e o sofrimento na obra "o Deus crucificado" de Moltmann*. Universidade Católica do Pernambuco, 2018, p. 47).

²⁹ Cf. BINGEMER, M. C. O Deus desarmado—a Teologia da Cruz de J. Moltmann e seu impacto na Teologia Católica. *Estudos de religião*, 2009, p. 245.

³⁰ Cf. DUQUOC, C. *Cruz de Cristo e sofrimento humano* in *Revista Concilium* n° 119: Espiritualidade – Petrópolis, Vozes, 1976/9, p. 77.

³¹ Cf. AGUIAR, E. P. C. *Deus e o sofrimento na obra "o Deus crucificado de Moltmann*. Universidade Católica do Pernambuco, 2018, p. 17.

³² Cf. MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. Ed. Unisinos, 2004, p. 17.

intersecção entre criatura e Criador. Jürgen Moltmann afirma que sua “existência teológica”, caracterizada por experiências pessoais de vida e morte, se deu em Julho de 1943.

Moltmann servindo a aeronáutica na operação Gomorra frente à *Royal Air Force*, sobrevive a uma por pouco à uma tempestade de fogo que carbonizou 40.000³³. Acerca deste momento, diz Moltmann:

O amigo que se encontrava ao meu lado foi esfaqueado pela bomba que me poupou. Venho de uma família secular, mas naquela noite clamei pela primeira vez por Deus: “Meu Deus, onde estás?”, e, desde então, persegue-me a pergunta: “Por que estou vivo e não morto como os demais?” [...] Eu buscava por uma certeza na vida, pois tinha perdido a minha. Eu inquiria por um saber que pudesse sustentar a existência e perdi o interesse pelo saber voltado para o conhecimento da natureza e o domínio sobre ela. Eu necessitava de “consolo na vida e na morte”, como diz o Catecismo de Heidelberg, e o encontrei mediante a leitura fortuita da Bíblia e a amabilidade imerecida de cristãos escoceses e ingleses no Cristo que, na sua paixão, tornou-se o meu irmão na necessidade e que, por meio da sua ressurreição dentre os mortos, despertou também a mim para uma esperança viva. As minhas experiências de morte no final da guerra, meus períodos de depressão por causa da culpa do meu povo e os perigos interiores da resignação completa atrás do arame farpado foram, para mim, o primeiro *locus theologicus* e continuaram sendo-o no recôndito da minha alma. Quando, em 1948, retornei do cativeiro, não sabia nem a que igreja me dirigir nem que profissão exercer. Estudei, então, teologia e filosofia em Göttingen, para descobrir se existe alguma verdade em Cristo e, em caso afirmativo, qual seria ela³⁴.

Moltmann diante do horror da guerra, se pergunta: “Meu Deus, onde estás?” Inicia em sua vida um diálogo com o Totalmente Outro³⁵, com o Mistério Santo³⁶, com o próprio Deus. Sua teologia emerge de uma vida de sofrimento experimentada à luz do Crucificado e por isso, a sua própria vida se torna *locus theologicus*. É modo, que o nosso teólogo desenvolve uma reflexão que se encarna nas realidades de sua vida, iniciada no seu contexto de guerra: “Sua reflexão teológica que foi aos poucos ganhando espaço é alicerçada pela sua experiência de cativeiro num campo de concentração, onde pôde ver juntamente com seus colegas a verdade sobre as práticas de extermínio que ocorriam dentro de certos campos nazistas, como, no caso, um dos seus maiores: *Auschwitz*”³⁷.

Neste contexto vivido por nosso teólogo, é que configura sua teologia marcada pelo elemento da esperança. Esperança que nasce de sua confiança em Deus durante a guerra:

³³ Cf. AGUIAR, E. P. C. *Deus e o sofrimento na obra "o Deus crucificado de Moltmann"*. Universidade Católica do Pernambuco, 2018, p. 34.

³⁴ MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. Ed. Unisinos, 2004, p. 17-18.

³⁵ Cf. BARTH, K. Palavra de Deus e palavra do homem. Fonte Editorial, São Paulo, 2011, p. 100-101.

³⁶ Cf. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. São Paulo, Paulus, 2015, p. 84-85.

³⁷ KUZMA, C. A. *A esperança cristã: fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann*. Mestrado em teologia. PUC-RIO, 2007, p. 65.

Para mim, a transformação da humilhação em uma nova esperança aconteceu por duas coisas: por um lado, graças à Bíblia, e por outro, por meio de encontros com pessoas. [...] O que no início parecia ser um destino cruel tornou-se para nós uma bênção de riqueza imerecida. Começou na noite da guerra, mas quando chegamos a Nort Camp raiou o sol para nós. Chegamos com almas feridas, e quando saímos, “minha vida foi salva”. Em dúvida não vimos como Jacó naquele lugar de Iadoq, “Deus face a face”. De acordo com a tradição bíblica isso está reservado apenas a poucos “amigos de Deus”. A todos os demais, porém, isso foi prometido somente para o grande dia da ressurreição, quando veremos “face a face” e “conheceremos como somos conhecidos” (1Cor 13,12). Ocorreu o inverso: foi Deus quem olhou para nós com os “olhos radiantes” de sua alegria eterna. A bênção e o Espírito da vida têm o “olhar resplandecente” de Deus (Sl 51, 13; Sl 139, 7; Nm 6, 24-26), assim como o juízo de Deus está fundado na “face oculta de Deus (*hester panim*) e a rejeição no “olhar desviado de Deus”. Aquilo que vivenciamos foi para muito de nós a mudança do “rosto oculto” para a face “resplandecente de Deus”³⁸.

Eugênio Pacelli, acerca desse aspecto da teologia moltmanniana, diz que a esperança lhe foi sempre companheira e refúgio, lhe concedendo forças diante dos absurdos da guerra e que o manteve vivo, para mais tarde o conduzir à fé cristã³⁹. Desse modo, o teólogo identifica no grito de Jesus na cruz ao Pai, o seu próprio grito pela vida no contexto de guerra: “Quando li o grito de Jesus ao morrer: ‘Meu Deus, porque me abandonastes?’, soube com certeza: está ali o único que me compreende. Comecei a compreender o Cristo atribulado, porque sentia que era compreendido por ele: o irmão divino na aflição, que leva consigo os cativos em seu caminho para ressurreição”⁴⁰. Após a guerra, sua experiência com o Cristo, o levou ao aprofundamento de sua fé: “Quando, em 1948, retornei do cativeiro, não sabia nem a que igreja me dirigir nem que profissão exercer. Estudei, então, teologia e filosofia em Göttingen, para descobrir se existe alguma verdade em Cristo e, em caso afirmativo, qual seria ela”⁴¹.

Em sua trajetória acadêmica, estudou Otto Weber⁴², Hans Joachim Iwand e Ernst Wolf, se formando em 1952 com o trabalho de conclusão com o seguinte tema: *Pacto da graça e eleição da graça*⁴³. Sobre sua trajetória acadêmica, Moltmann sublinha que não visava se tornar teólogo por profissão, mas puramente pela sua paixão pelo Reino⁴⁴. Essa sua paixão pelo Reino

³⁸ MOLTSMANN, J. *A fonte da vida. O Espírito Santo e a teologia da vida*. Edições Loyola, 2002, p. 16.

³⁹ Cf. AGUIAR, E. P. C. *Deus e o sofrimento na obra "o Deus crucificado de Moltmann"*. Universidade Católica do Pernambuco, 2018, p. 39.

⁴⁰ MOLTSMANN, J. *A fonte da vida. O Espírito Santo e a teologia da vida*. Edições Loyola, 2002, p. 13.

⁴¹ MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. Ed. Unisinos, 2004, p. 18.

⁴² Segundo Francisco Archanjo da Silva, Moltmann foi introduzido na Dogmática de Karl Barth através do teólogo Otto Weber. Esta obra tornou-se para Moltmann uma referência. Mais tarde, o teólogo amadurece suas ideias através de Arnold von Ruler em 1965. (Cf. SILVA, F. A, et al. *A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann*. 2014, p. 22).

⁴³ Cf. KUZMA, C. A. *A esperança cristã: fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann*. Mestrado em teologia. PUC-RIO, 2007, p. 60.

⁴⁴ Ernest Bloch oferece para Moltmann a ideia de esperança utópica, que aliada à perspectiva bíblica de Karl Barth, configura a ideia de Reino presente na teologia moltmanniana. Desse modo, o *éscathon* ilumina todo o presente

fez o nosso teólogo: “Aberto à reflexão teológica e aos problemas contemporâneos, entre eles os de teor social e político, unidos ao engajamento com causas da ecologia e do ecumenismo, estes fazem de Moltmann um dos teólogos mais influentes dos séculos XX e XXI”⁴⁵.

Acerca de sua teologia, ele mesmo diz: “Como teologia do Reino de Deus, ela é obrigatoriamente teologia missionária, que liga a igreja à sociedade e o povo de Deus aos povos da Terra. Ela torna-se uma teologia pública (*public theology*), que compartilha os ‘sofrimentos desta época e que formula suas esperanças em Deus no lugar em que vivem os seus contemporâneos”⁴⁶. Em seu fazer teológico, há também a influência do calvinismo e do pensamento de Dietrich Bonhoefer⁴⁷. Entre 1956 e 1957, sob a orientação de Otto Weber, Moltmann conquista o título de livre docência na Universidade em que estudara⁴⁸. Sua carreira acadêmica foi de sucesso, e alcançou vastos espaços, participando inclusive, em 1977, de uma conferência entre teólogos e teólogas da libertação:

Sua influência se estendeu à teologia católica e ortodoxa, pela abertura ecumênica e pela repercussão de suas ideias nas teologias da libertação no Terceiro Mundo. Sempre esteve envolvido no diálogo ecumênico entre católicos, cristãos ortodoxos, judeus e marxistas, fato que não o impede, como teólogo luterano, de fazer crítica à Igreja Católica, quando esta, na sua compreensão, não se abre ao movimento ecumênico. Dentre os teólogos modernos, é o que mais incentivou a formação dos movimentos progressistas na Igreja, entre os quais a teologia política, negra, da libertação e feminista⁴⁹.

O teólogo ainda salienta a importância de sua convivência junto à sua comunidade de fé. Em seu trabalho pastoral junto à Igreja, Moltmann ressalta a importância de sua convivência junto ao povo, que propiciara, o seu fazer teológico de uma autêntica teologia do povo⁵⁰. Teologia que deve se relacionar com a teologia acadêmica. A teologia cristã, desse modo, não é meramente acadêmica, emerge através da participação dos fiéis no seio da comunidade, diz Moltmann: “Por isso, o fundamento de toda especialização teológica é o ministério teológico geral de todos os crentes, como corresponde à tese reformatória do ‘sacerdócio geral de todos

da criação. (Cf. SILVA, F. A, et al. *A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann*. 2014, p. 22).

⁴⁵ AGUIAR, E. P. C. *Deus e o sofrimento na obra "o Deus crucificado de Moltmann*. Universidade Católica do Pernambuco, 2018, p. 43.

⁴⁶ MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. Ed. Unisinos, 2004, p. 13.

⁴⁷ Cf. KUZMA, C. A. *A esperança cristã: fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann*. Mestrado em teologia. PUC-RIO, 2007, p. 61.

⁴⁸ Cf. Idem, p. 60.

⁴⁹ AGUIAR, E. P. C. *Deus e o sofrimento na obra "o Deus crucificado de Moltmann*. Universidade Católica do Pernambuco, 2018, p. 45.

⁵⁰ Cf. MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. Ed. Unisinos, 2004, p. 18.

os crentes'. Todos os cristãos, quer jovens ou velhos, quer mulheres ou homens, que crêem e fazem alguma reflexão sobre isso, são teólogos"⁵¹.

A partir dessas interpelações dos acontecimentos na vida de nosso teólogo, nascem grandes movimentos teológicos a partir em suas reflexões. Moltmann é considerado o fundador da Teologia da Esperança, da Teologia da Cruz e da teologia política desenvolvida junto à J. Metz.⁵² Segundo Eugenio Pacelli, as obras de nosso teólogo distinguem-se em dois grandes grupos. O primeiro grupo, são as obras que expressam a realidade e anseio político da época do autor, como "Teologia da esperança" (1964), em que está presente as suas reflexões escatológicas; "O Deus crucificado" (1972), na qual se atualiza a teologia da cruz de Lutero; e "Igreja no poder do Espírito" (1975), na qual Moltmann delinea as suas primeiras obras numa perspectiva eclesiológica e pneumatológica⁵³.

O outro grupo de obras de Moltmann⁵⁴, está presente a sistematização de sua teologia exposta nas três obras anteriores: "Contribuições à teologia" (1979), "A vinda de Deus" (1991), "A fonte da vida" (1997). Por último, o teólogo em "Experiências de reflexão teológica" (2000), aprofunda o seu método, seu fazer teológico a partir de suas experiências, de sua vida vivida⁵⁵, juntamente à sua esposa, Elizabeth Moltmann-Wendel, doutora em teologia: "As minhas *Experiências de reflexão teológica* surgiram durante a nossa comunhão de vida e provêm da alegria perene proporcionada por ela"⁵⁶.

1.3 A cruz como teologia crítica

A palavra da cruz, já dizia o apóstolo, é loucura para os que perecem⁵⁷. A cruz, segundo Moltmann enfrenta dois problemas: a crise de relevância e a crise de identidade⁵⁸. Crise que

⁵¹ MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. Ed. Unisinos, 2004, p. 23.

⁵² Cf. KUZMA, C A. *A esperança cristã: fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann*. Mestrado em teologia. PUC-RIO, 2007, p. 61-62.

⁵³ Cf. AGUIAR, E. P. C. *Deus e o sofrimento na obra "o Deus crucificado de Moltmann*. Universidade Católica do Pernambuco, 2018, p. 45.

⁵⁴ Francisco Arcanjo da Silva salienta que o objetivo desta fase de Moltmann é tratar de modo sistemático sua teologia em diálogo mais amplo com a teologia cristã. (Cf. SILVA, F. A. et al. *A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann*. 2014, p. 23).

⁵⁵ Irene Borges Duarte em seu prólogo de *O conceito de tempo*, de Martin Heidegger, evoca caráter temporal presente na filosofia heideggeriana, que nos ajuda a compreender em paralelo o caráter temporal do ser que se exerce como *Dasein*. Quando nos referimos então, a vida vivida, queremos dizer que existência e vida fática do ente se coadunam e são o próprio ser, o qual articula o mundo interpretado e localizado. Em Jürgen Moltmann desse modo, se articula existência e fazer teológico. (Cf. BORGES-DUARTE, Irene. Prólogo à edição portuguesa in HEIDEGGER, M. *O conceito de tempo*. Fim do século, 1995, p. 10).

⁵⁶ MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. Ed. Unisinos, 2004, p. 16.

⁵⁷ Cf. 1 Cor 1, 18.

⁵⁸ Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, 2020, p. 21.

encontra na Igreja, seu maior empecilho através da reafirmação de seus dogmas, diz o teólogo, e assim: “Uma Igreja que não muda para estar à disposição da humanidade do homem em novas circunstâncias fossiliza-se e morre”⁵⁹. Como então resgatar a autenticidade da fé cristã, que vê no abandono de Deus o *locus theologicus* de encontro com Deus?⁶⁰

Embora a “Teologia da Esperança” de Moltmann tenha ganhado notoriedade dentro da esfera teológica, o teólogo enfatiza a centralidade da cruz em seu fazer teológico: “Eu me dedico à teologia da cruz desde o começo dos meus estudos teológicos. Por mais que amigos da “Teologia da Esperança”, publicada em 1964, não a tenham notado tão claramente quanto seus críticos, eu ainda assim acredito que ela seja o ponto central do meu pensamento teológico”⁶¹.

Retomando o sentido da *theologia crucis* de Lutero⁶², Moltmann orienta uma crítica contra toda teologia cristã que se esvai do significado da cruz para a teologia. Sob este pensamento de Moltmann, compartilha Pacelli: “A cruz ganhou significado somente na esfera do processo de salvação individual, da fé individual e da teoria individual a respeito da realidade. Perdeu desse modo, seu caráter de contingência inexplicável”⁶³. Neste sentido, para Barbosa, Moltmann supera a teologia de Lutero, aproximando cruz e realidade humana:

Moltmann supera a teologia de Lutero a partir do momento em que Lutero se limita em uma mística do sofrimento e uma submissão humilde. Para Moltmann a teologia da cruz tem que ser crítico libertadora. Ela tem que abordar a eleição dos humildes que envergonha os grandes. A teologia da cruz deve contrapor o Deus crucificado contra a soberba e opressão, contra o anseio de poder e escravidão. Uma teologia da cruz consequentemente precisa entender o Deus crucificado em todos os âmbitos; na compreensão do mundo e da história e na transformação da sociedade⁶⁴.

Da proximidade com o mundo e a história presentes na teologia moltmanniana, podemos identificar que a dimensão do sofrimento humano ganha nova perspectiva em sua teologia⁶⁵. É neste sentido que o nosso trabalho irá se orientar, perscrutando a teologia de Jürgen Moltmann

⁵⁹ Idem, p. 29.

⁶⁰ MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. Ed. Unisinos, 2004, p. 150.

⁶¹ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, 2020, p. 15.

⁶² Para o teólogo, a teologia de Lutero é importante pois formulou uma *theologia crucis* de maneira reformadora e prática contra a sociedade medieval, mas foi incapaz de formular um aspecto crítico-social de modo a dar ênfase na classe dos camponeses. (Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, 2020, p. 103).

⁶³ AGUIAR, E. P. C. *Deus e o sofrimento na obra "o Deus crucificado de Moltmann*. Universidade Católica do Pernambuco, 2018, p. 70.

⁶⁴ BARBOSA, A. D. *Teologia da cruz: um olhar humano ao deus crucificado*. In: *Anais do Congresso Estadual de Teologia*. 2016. p. 364.

⁶⁵ Segundo Moltmann, a teologia cristã não pode se associar apenas em seu tempo. Ela deve, sobretudo, se associar ao grito do clamor dos miseráveis de seu tempo. Miseráveis que clamam urgentemente por Deus e liberdade. Ao se associar com os recônditos dos sofredores de hoje, a teologia cristã, segundo Moltmann, se apresenta como verdadeira teologia contemporânea. (Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, 2020, p. 198).

e buscando elementos de identificação da cruz de Cristo com o sofrimento humano. O sofrimento da guerra permitiu ao teólogo uma experiência com Deus, de modo que: “É no sofrimento do Deus crucificado, que muitos dos sofredores encontram com o Deus do abandonado na Cruz”⁶⁶. A cruz então, apresenta um real significado para aqueles que seguem a Cristo. Neste sentido Moltmann desenvolve uma reflexão teológica capaz de dialogar com o mundo, tendo como fundamento o Crucificado⁶⁷.

Para Jürgen Moltmann há no âmbito da ciência teológica, uma crise de identidade da fé cristã. O que caracteriza afinal um cristão acaso não é a sua cruz? Onde se renuncia à verdadeira identidade cristã, põe-se a pergunta pelo próprio ser, diz o teólogo. Acerca da reflexão de Moltmann, diz Silva: “Nela, a Teologia da cruz crucifica o cristão. Ela questiona todos os modelos de representações sobre o homem, sobre Deus e a sociedade. Ela obriga o cristão a possuir uma identidade que não pode ser projetada num modelo político, religioso e de um futuro imanente da história. Ela destrói tudo isso e deixa o homem nu, como o Crucificado na cruz”⁶⁸.

A cruz, se sobrepõe desse modo, a toda lógica humana e se apresentando para aqueles que não creem em Jesus Cristo, como loucura: “A cruz do Deus crucificado, desde sua gênese é composta pelas dimensões de aceitação; da conscientização e do reconhecimento da justiça, e a da negação; da loucura, da zombaria e do insulto. A cruz nada mais é um sinal de contradição, entre o que é justo e injusto, entre o bem e o mal”⁶⁹. E assim, acerca da cruz, diz o teólogo:

Deus é reconhecido neste mundo ímpio por meio de seu sofrimento e sua cruz, ou seja, sub contrário, e por meio de sua cruz Deus destrói nossos vínculos ímpios com este mundo e nos liberta para si mesmo, transformando-nos de deuses infelizes e orgulhosos em seres humanos autênticos, que admitem a sua humildade e debilidade. Iwand extraiu a sua esperança do conceito reformador da *promissio*, que ele fundamentou cristologicamente. Trata-se da promessa do mundo da ressurreição, que começa a brilhar para além da morte de Cristo. O próprio Cristo vindouro está presente na sua promessa e, por meio da esperança despertada, ganha poder sobre a nossa vida⁷⁰.

⁶⁶ BARBOSA, A. D. *Teologia da cruz: um olhar humano ao deus crucificado*. In: *Anais do Congresso Estadual de Teologia*. 2016. p. 368.

⁶⁷ Cf. AGUIAR, E. P.C. *Deus e o sofrimento na obra "o Deus crucificado de Moltmann*. Universidade Católica do Pernambuco, 2018, p. 65.

⁶⁸ SILVA, F. A, et al. *A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann*. 2014, p. 57.

⁶⁹ BARBOSA, A. D. *Teologia da cruz: um olhar humano ao deus crucificado*. In: *Anais do Congresso Estadual de Teologia*. 2016. p. 365.

⁷⁰ MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. Ed. Unisinos, 2004, p. 80.

O que caracteriza o verdadeiro cristão, não é a mera confissão a determinada religião seguidora de Cristo, nem as repetições de credos apostólico, mas a sua total identificação a Cristo⁷¹. A cruz então, se apresenta como um itinerário a ser seguido por aqueles que creem. Neste sentido, é que Alex Durães Barbosa reconhece que é no símbolo da cruz que a fé cristã reconheceu a humanidade de Deus⁷².

Quem se arvora a seguir os passos de Jesus, deve reconhecê-lo como o Crucificado mas, no entanto, o que analisamos no campo da religião, é: “A perda da fé e sua identidade por meio da queda na descrença e em outra identidade corresponde exatamente a perda da fé e sua identidade em Cristo por meio da queda em mesquinhez de fé e medo. O perigo da fé mesquinha existe quando a fé começa a morrer em si mesma por querer se conservar e buscar alcançar seguranças e garantias”⁷³. Por isso, urge uma extrema necessidade de uma recuperação da teologia da cruz para a autenticidade da fé cristã⁷⁴, capaz de libertar o homem: “A teologia da cruz conduz o homem para a sua libertação. Na convicção que a teologia da cruz conduz à crítica da vanglória do inumano”⁷⁵. A teologia da cruz liberta então o homem de toda desumanidade:

O conhecimento da cruz é o conhecimento de Deus em seu sofrimento na mão do “ser desumano”, i.e., no oposto de tudo o que o “ser desumano” busca e tenta alcançar como divino. Por isso, esse conhecimento não o aprova, mas o destrói. Ele destrói o deus infeliz e orgulhoso que queremos ser e nos devolve nossa humanidade desprezada e abandonada. O conhecimento da cruz gera um conflito de interesse entre Deus que se fez homem e o homem que quer ser deus. Esse conhecimento destrói a destruição do homem. Aliena ou alienado. Assim leva o “ser desumano” à humanidade⁷⁶.

Na cruz, o homem não encontra a glória da sua própria humanidade, mas encontra a destruição de toda forma de enaltecimento de sua humanidade. Em Cristo, o gênero humano se vê crucificado: “O Cristianismo enfrenta esta questão com radicalidade, encontrando na cruz

⁷¹ Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 38.

⁷² Cf. BARBOSA, A. D. *Teologia da cruz: um olhar humano ao deus crucificado*. In: *Anais do Congresso Estadual de Teologia*. 2016. p. 365.

⁷³ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, 2020, p. 38.

⁷⁴ Para Moltmann, a reflexão teológica e a vida religiosa, adornaram para a cruz, muitas “rosas” que ofuscaram o verdadeiro significado da cruz para o homem. A autenticidade de um real significado da cruz para o gênero humano, põe o mesmo em xeque, ao passo que na cruz, o próprio Filho de Deus se encontra abandonado e crucificado. Desse modo, o teólogo afirma que na cruz não há modelos de projeção de cunho religioso. O Crucificado anula tudo o que é religioso: o endeusamento do coração humano, toda sacralidade de determinados locais na natureza e a adoração de governantes e políticos (Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, 2020, p. 59).

⁷⁵ BARBOSA, A. D. *Teologia da cruz: um olhar humano ao deus crucificado*. In: *Anais do Congresso Estadual de Teologia*. 2016. p. 363.

⁷⁶ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, 2020, p. 101-102.

de Cristo uma resposta”⁷⁷. Resposta que leva intrinsecamente a uma reflexão acerca do Crucificado que se encontra num lugar de miséria e abandono⁷⁸. A cruz então, é capaz de gerar no homem um conflito, pois na cruz, Deus assume o evento que é mais repugnante ao homem.

A cruz então apresenta ao homem o aspecto escandaloso da morte de um Deus que se fez carne, revelando ao homem o caráter frágil de Deus que padece pela humanidade⁷⁹. Deus se revela então na impotência, e por isso destrói todas as imagens humanas que podem se tornar idolátricas. A cruz então, se torna crivo para todo tipo de religião⁸⁰. Desse modo, diz Bingemer acerca da teologia cristã, que ela tem por trás de si a história da paixão de Cristo e que chegou a reconhecer o ser de Deus na morte do Jesus na cruz. Desse modo, ao refletirmos acerca do Crucificado e seu Deus, podemos deduzir o que Deus significa para os espoliados do mundo⁸¹. Desse modo, diz Moltmann:

A “religião cruz” é uma contradição em si mesma, pois o Deus crucificado é a contradição nessa religião. Suportar essa contradição significa despedir-se das tentações religiosas; significa libertar-se das necessidades religiosas; não proteger a própria identidade e receber, na fé, a identidade de Cristo; significa tornar-se anônimo e, para receber os direitos de cidadão na nova criação de Deus. Presentificar a cruz em nossa cultura significa praticar a liberdade experimentada do temos de si mesmo; significa não se acomodar nesta sociedade aos seus ídolos e tabus, temores e fetiches, mas em nome daquele que no passado foi sacrificado pela religião, sociedade e Estado, se solidarizar com as vítimas atuais da religião, sociedade e Estado, fazendo-se, tal como o Crucificado, irmão e libertador delas⁸².

A cruz então, diante da vida do homem configura um caráter transfigurador do sofrimento e da vida, ao passo que o homem presentifica o Crucificado⁸³: “Jesus está presente quando um estudante inocente sob tortura não entrega os nomes dos seus amigos procurados e é assassinado por causa disso ou quando um jovem trabalhador sacrifica a sua vida pelos seus e suas colegas de trabalho; a cruz de Jesus é realidade presente [...]”⁸⁴.

Sob essa presentificação do Crucificado, o grito de Jesus ganha significado para aquele que crê, ao passo que assume uma relação filial com Deus, e assim, diz Barbosa: “Para

⁷⁷ BINGEMER, M. C. *O Deus desarmado—a Teologia da Cruz de J. Moltmann e seu impacto na Teologia Católica*. Estudos de religião, 2009, p. 232.

⁷⁸ MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. Ed. Unisinos, 2004, p. 158.

⁷⁹ Cf. BARBOSA, A. D. *Teologia da cruz: um olhar humano ao deus crucificado*. In: *Anais do Congresso Estadual de Teologia*. 2016. p. 364.

⁸⁰ SILVA, F. A, et al. A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann. 2014, p. 57.

⁸¹ BINGEMER, M. C. *O Deus desarmado—a Teologia da Cruz de J. Moltmann e seu impacto na Teologia Católica*. Estudos de religião, 2009, p. 240.

⁸² MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, 2020, p. 63.

⁸³ Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, 2020, p. 78.

⁸⁴ MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. Ed. Unisinos, 2004, p. 217.

Moltmann, o correto seria interpretar as palavras do Salmo 22 no sentido da situação de Jesus [...] em Jesus, no grito ‘meu Deus’ está todo o conteúdo de sua própria mensagem sobre o Deus misericordioso e que se aproxima, mensagem que o chama muitas vezes de ‘meu Pai’⁸⁵. E assim, diz o teólogo: “Ou o Jesus abandonado é o fim de toda teologia, ou é o princípio de uma específica teologia e existência cristã, e portanto, crítica e libertadora. Quanto mais a ‘cruz da realidade’ for levada a sério, mais o Crucificado torna-se o critério da teologia”⁸⁶.

Como podemos notar, a teologia de Jürgen Moltmann brota de uma fé encarnada na sua existência. Fé que brota de sua proximidade com as sagradas escrituras, onde um novo mundo lhe é apresentado⁸⁷. Dessa proximidade com Jesus, tudo parece ter sentido: o terror da guerra, a sua sobrevivência, o seu sofrimento no campo de concentração... Nossas presentes asserções nos aproximam da pessoa de nosso teólogo e outorga para nós que a autenticidade da vida cristã muitas vezes pode estar obscurecida diante dos inúmeros elementos que o campo das religiões pode imputar acerca do Crucificado. A teologia crítica de Moltmann baseada na cruz chancela para a nós um importante retorno para todo fazer teológico: a cruz de Cristo. Nos cabe, no precedente momento, aproximarmos da pessoa de Jesus Cristo através dos caminhos que a teologia moltmanniana nos dá.

Destarte, estas nossas pesquisas concluíram que para o sofrimento humano, urge a necessidade de uma recuperação do sentido da cruz para a reflexão teológica. Como pudemos observar na vida de nosso teólogo, tal proximidade com a cruz delineou para o mesmo, uma nova vivência, agora em Cristo. Desse modo, concluímos que há uma correspondência entre cruz e sofrimento. No momento em que Moltmann deflagra diante de Deus todo o seu pavor decorrente da guerra, inicia em sua vida um diálogo com o Deus da esperança, que o permite a caminhar em meio ao sofrimento.

A aceitação da cruz, como pudemos ressaltar, não significa submissão ao sofrimento, mas abre para o homem uma nossa perspectiva de vivência para o seu sofrimento. A vida de nosso teólogo foi assim. O sofrimento presente na guerra exigiu de sua vida uma nova forma compreender a mesma, e a fé cristã lhe apresentou as respostas necessárias. Diante disso, cabe ao nosso presente estudo, a análise da pessoa de Jesus Cristo para o nosso autor. O que a pessoa do Crucificado tem a nos dizer? O que o abandono do Filho de Deus na cruz pode tem a contribuir para o nosso sofrimento?

⁸⁵ BARBOSA, A. D. *Teologia da cruz: um olhar humano ao deus crucificado*. In: *Anais do Congresso Estadual de Teologia*. 2016. p. 373.

⁸⁶ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, 2020, p. 21.

⁸⁷ Cf. BARTH, K. *Palavra de Deus e palavra do homem*. Fonte Editorial, São Paulo, 2011, p. 87.

2. O DEUS CRUCIFICADO

Para nossas considerações acerca da cruz, é necessário que nos aproximemos da pessoa do Crucificado. Jürgen Moltmann em sua teologia, defende a centralidade no evento da cruz como estumados em nosso capítulo anterior. O teólogo defende assim, uma *theologia crucis*, que deve nortear qualquer reflexão teológica. Suas considerações cristológicas lançam o olhar sobre Jesus de Nazaré que adentra em seu questionamento mais profundo: quem é Jesus para nós⁸⁸. Para o teólogo, há duas tarefas para a cristologia, primeiro a verificação crítica da origem da fé cristã em Jesus e na sua história uma hermenêutica da cristologia a partir de Jesus. Conseqüentemente, a segunda tarefa é a hermenêutica dos efeitos e conseqüências da cristologia⁸⁹.

Há aqui uma tensão entre ambas tarefas da cristologia, que é também a tensão vivida pela na fé de todo cristão: relacionar o Jesus histórico e o Jesus da fé. A cristologia assim, lança um olhar crítico hermenêutico não somente sobre a pessoa de Jesus, mas sobre a significação dos títulos para sua vida na fé. Para Moltmann: “Se alguém quiser falar sobre o que Jesus é, significa ou realiza, então ele precisa recorrer aos antigos e novos títulos de exaltação e às designações de função; ele precisa explicá-las e contemplá-las com novos títulos e designações”⁹⁰.

Destarte, para compreender quem foi e qual o significado do Crucificado para o cristão de hoje, faremos num primeiro momento as considerações cristológicas de nosso teólogo. Como veremos, as implicações teológicas de Moltmann fomentam uma cristologia que se aproxima das realidades humanas. Segundo nossos estudos bibliográfico, a sua cristologia pode ser delineada em cristologia trinitária, escatológica e solidária.

Moltmann estabelece uma cristologia trinitária de modo a evocar o próprio ser de Deus afetado pela crucificação de seu Filho. Sua cristologia escatológica conjuga o significado do Ressuscitado no tempo presente estabelecido através do messianismo de Jesus. Por fim, apresentando a teologia do *pathos* de Deus, abordaremos a perspectiva da solidariedade presente na revelação de Deus na pessoa de Jesus Cristo. Tais elocubrações epistemológicas de nosso teólogo, nos favorecerá a compreensão de um autêntico agir pastoral centrado na pessoa de Jesus Cristo.

⁸⁸ Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 111.

⁸⁹ Cf. Idem, p. 113.

⁹⁰ Idem, p. 114.

2.1 Pressupostos epistemológicos para a compreensão da cristologia de Jürgen Moltmann

Com o advento de novas perspectivas epistemológicas suscitadas pela filosofia, a cristologia sofre novas abordagens. Assim: “[...] ninguém mais pergunta cristologicamente se o Deus eterno está em Cristo, mas se Jesus deve ser chamado de Deus e em que e a até que ponto ele é divino”⁹¹. Se a primeira preocupação dos padres da Igreja era provar que Jesus era o Deus encarnado, a teologia da época de Moltmann, busca ressaltar os elementos da vida de Jesus que indiquem se ele de fato é Deus. Para o teólogo esta teologia baseada na metafísica, defende o aspecto da encarnação, e é irrelevante sem a concepção antropológica para a mesma⁹²:

Moltmann reconhece que as cristologias antigas e modernas preocupam-se muito com a pessoa divina (a filiação divina) ou com a personalidade histórica de Jesus (Jesus como pessoa privada). A cristologia da história escatológica deverá dar atenção à pessoa social de Jesus, baseando-se em sua comunhão com os pobres e doentes, com o povo, com as mulheres e com Israel. Nessa perspectiva poderá ser compreendida sua atuação⁹³.

Em contrapartida a uma consideração ontológica de Jesus, sublinhada pela metafísica, descobriu-se a humanidade de Jesus e a sua atuação como pessoa, como o protótipo de homem agradável a Deus⁹⁴. Essa nova perspectiva cristológica assumida na modernidade, é decorrente da nova perspectiva epistemológica do mundo moderno, que não é mais contemplativa, mas operativa⁹⁵. Desse modo, o teólogo ressalta a influência da filosofia de Kant para a teologia. A razão prática kantiana, influi então, diretamente sob este novo olhar hermenêutico em Jesus, que visa salientar o seu aspecto moral:

Não se acentuam sua encarnação e, como sinal físico, sua partenogênese, mas sua perfeição humana correspondente a Deus e como seu sinal a ausência de pecado. A divinização não reside mais na divinização de pessoas e da criação, mas na identidade interior do homem em desavença consigo mesmo e tornado irreconhecível a si próprio e no fato daí decorrente de se tornar possível a humanidade ética. A encarnação e ressurreição de Cristo com portentos físico incompreensíveis e impossíveis não cabem mais na cosmovisão da dominação humana do mundo. A impecabilidade de Jesus,

⁹¹ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 125.

⁹² Tal cristologia é denominada por Moltmann de cristologia vetero-eclesiástica, e é para o mesmo, vertical em relação à história do futuro do reino de Deus. (Cf. MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Academia Cristã, Santo André, 2014, p. 119).

⁹³ SAMPAIO, R. D. S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. PUC-RIO, 2018, p. 49.

⁹⁴ Cf. MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Academia Cristã, Santo André, 2014, p. 101.

⁹⁵ Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 127.

porém, é como um “milagre de amor” de Deus no mundo ético pelo qual o homem moderno espera ansiosamente⁹⁶.

Esta elaboração moderna antropológica para a cristologia é, para o teólogo, uma jesulogia: “Com a expressão ‘jesulogia’ não se tem em mente um antagonismo à ‘cristologia’, mas tem-se em mente a cristologia moderna, também chamada de ‘cristologia de baixo’. Falamos de ‘jesulogia’ porque para ela não está no centro o Cristo exaltado ou preexistente, mas o homem Jesus de Nazaré e com isso denunciemos o deslocamento moderno do tema da cristologia”⁹⁷.

Essa nova cosmovisão do homem moderno, que exige uma cristologia antropocêntrica, conduz o discipulado de Jesus a um ideal moral⁹⁸. No entanto, a cristologia antropológica, que apresenta uma hermenêutica existencial de Jesus, é restritiva para Moltmann, pelo fato de não conjugar o fato da ressurreição. Desse modo: “Sua presença hoje, que se explica com ‘ressurreição’, não pode ser interpretada como presença pessoal de Jesus Cristo, mas apenas como continuação da eficiência de sua personalidade ou de sua causa”⁹⁹.

Outro aspecto epistemológico da cristologia de Moltmann, é a perspectiva social, ressaltando a relação de Jesus com os pobres, os doentes e as mulheres¹⁰⁰. Moltmann se apropria dos elementos da finitude humana para compreender a pessoa de Jesus Cristo, evitando uma cristologia que relativize as peculiaridades históricas vividas por Jesus de Nazaré, sobretudo seu padecimento e morte¹⁰¹.

Nosso teólogo, no entanto, ressalta em sua cristologia, a proximidade de Jesus com a vida humana: “O Jesus de Jürgen Moltmann, a quem esse teólogo se refere principalmente como Cristo, é sensível a muitos dilemas humanos e políticos que experimentamos em nossos dias”¹⁰². Os dilemas sociais sob os quais Jesus se insere, no entanto, ganham novos significados, pois Cristo é: “[...] o sinal por excelência, o sacramento do Pai, o *Éschaton*. Nele, vemos (já) de maneira antecipada o nosso futuro (ainda não), o que nos traz um anseio cada vez maior pelo

⁹⁶ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Academia Cristã, Santo André, 2014, p. 101-102.

⁹⁷ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Academia Cristã, Santo André, 2014, p. 98.

⁹⁸ Para Moltmann, segundo Almeida, no mundo moderno, o homem separa-se do ritmo da natureza e se aproxima do exercício da vontade. A natureza assim, se torna objeto da vontade humana dominada pela subjetividade. A cristologia metafísica perde a sua relevância diante deste contexto (Cf. ALMEIDA, E. F. de. *Do viver apático ao viver simpático* Sofrimento e morte. Loyola, 2006, p. 34).

⁹⁹ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Academia Cristã, Santo André, 2014, p. 120.

¹⁰⁰ Cf. idem, p. 121.

¹⁰¹ Cf. idem, p. 123.

¹⁰² HAIGHT, R. *Jesus: O símbolo de Deus*. Paulinas, São Paulo, 2005, p. 55.

transcendente – totalmente novo –, que é alimentado pela fé. Assim, ‘o evangelho anuncia a irrupção presente desse futuro e vice-versa’¹⁰³. Essa irrupção do novo na vida daqueles que se encontravam com Jesus, fomenta para Moltmann, uma cristologia da história escatológica de Deus¹⁰⁴.

Designamos de “escatológico” a redenção vindoura do mundo que reside no messiânico reino da paz dos povos e consumação da criação em reino da glória. Por “história escatológica” entendemos a história que está voltada para este futuro por vocação e eleição, por promessa e aliança de Deus e que é experimentada em seu horizonte. É história sob a promessa da vida. Ela está oposta à história da morte. Visto que *horizonte escatológico*, que torna a experiência dessa história acessível aos homens, é o horizonte de Deus, ele abrange a história dos homens e da natureza. Todas as coisas e condições criadas representam símbolos reais e cifras desse futuro. Uma cristologia dessa história escatológica de Deus com o mundo toma em consideração a pessoa de Jesus como do Cristo no caminho e na transformação dessa história. Em seu cerne, a história escatológica de Deus com o mundo é uma história de Deus com Jesus e Jesus com Deus, ou mais exatamente: a *história trinitária* do Pai, do Filho e do Espírito Santo¹⁰⁵.

Podemos concluir, que Jesus enquanto o *éschaton* do Pai, presentifica a ação de Deus. Há assim, uma tensão, entre a realidade presente e futuro de Deus que se abre nos gestos e palavras de Jesus. Moltmann pretende apresentar uma cristologia nem de cima e nem de baixo, mas uma cristologia escatológica de Deus: “Por história escatológica ele entende a história que está voltada para o futuro por vocação e eleição, por promessa e aliança de Deus e que é experimentada em seu horizonte”¹⁰⁶.

¹⁰³ KUZMA, C. A. *A esperança cristã: fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann*. Mestrado em teologia. PUC-RIO, 2007, p. 769. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=11197@1>>. Acesso em: 07 de Set. de 2021.

¹⁰⁴ Em *Teologia da esperança* (1971), Moltmann apresenta que por escatologia, a teologia cristã a compreendeu como a “doutrina das últimas coisas”, ou a “doutrina do *éschaton*”. Os “eventos últimos” irromperiam sobre o mundo, sobre a história do homem. Entre tais acontecimentos, estavam a volta de Cristo em sua glória que após o seu julgamento, poria fim à história universal. Não havia, segundo o teólogo, nenhuma relação entre a Cruz e a Ressurreição, entre Exaltação e Senhorio de Cristo. O tema da escatologia foi deixado de lado na história do cristianismo à medida que o mesmo se atrelou ao Estado, e assim, a esperança foi transferida para o além ou a eternidade. Para Moltmann, o escatológico não é algo que se adere ao cristianismo, mas é o meio em que a fé cristã se move. A fé cristã vive da Ressurreição do Cristo crucificado e se estende sob as promessas de seu retorno glorioso. Por isso, a escatologia não pode ser um tema à parte da doutrina cristã, antes, deve ser compreendida como cerne de toda compreensão cristã. (Cf. MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*. Herder, São Paulo, 1971, p. 2).

¹⁰⁵ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Academia Cristã, Santo André, 2014, p. 120-121.

¹⁰⁶ KUZMA, C. A. *A esperança cristã: fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann*. Mestrado em teologia. PUC-RIO, 2007, p. 48. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=11197@1>>. Acesso em: 07 de Set. de 2021.

2.2. Cristologia Trinitária

O messianismo de Jesus presentifica o Reino vindouro de Deus redimindo o presente da história. Posta a relação entre Jesus e seu Pai, e sua atuação no Espírito, Moltmann identifica as notas de transcendentalidade que fazem da história de Jesus, uma história teológica. E desse modo, na *oikonomia*¹⁰⁷ salvífica do Filho, acontece a revelação da figura trinitária de Deus: “Com vistas ao testemunho neotestamentário da história teológica de Jesus não é possível falar de Jesus sem falar da ação do Espírito nele, e sem falar de sua relação com o Deus que ele chamava de ‘*Abba*, meu Pai. Sua história é desde o início, uma história teológica, determinada por sua cooperação com o Espírito e com o Pai”¹⁰⁸.

Este aspecto triúno de Deus presente na atuação histórica de Jesus é fundamental na cristologia moltmanniana¹⁰⁹, de modo que: “Para uma correta leitura da cristologia de Moltmann não se pode prescindir do aspecto trinitário. Sendo Jesus o logos de Deus: segunda pessoa da trindade, toda a atuação de Jesus é marcada pela participação das outras pessoas divinas: Pai e Espírito. Portanto, o Filho de Deus encarnado na história revela o ser profundo da trindade na economia da salvação”¹¹⁰.

Seguindo o axioma de Karl Rahner¹¹¹, pelo qual, a Trindade “econômica” é a Trindade “imaneente”, Moltmann salienta que a unidade e a Trindade de Deus devem ser um único tratado¹¹². E desse modo, define: “O conceito teológico para a percepção do Crucificado é a doutrina da Trindade. O princípio material da doutrina da Trindade é a cruz de Cristo. O

¹⁰⁷ Embora no Novo Testamento o termo *oikonomía* tenha um papel relativamente menor, o conceito logo adquire uma colocação central na concepção patrística do plano providencial da salvação e no vocabulário ligado a ele. *Oikonomía* vem usado pelos padres apostólicos para indicar toda a série de eventos relacionados a Cristo. [...] Na igreja primitiva o termo *oikonomía* era usado de forma genérica. Alguns significados básicos podem ser discernidos. Em primeiro lugar, *oikonomía* significa o plano, a organização ou a ordenação providencial do cosmos por Deus. Em segundo lugar, antes de mais nada, ao final do século III, *oikonomía* é entendida no sentido mais restrito como sinônimo de encarnação (*enanthrópesis*) (cf. LACUGNA, C. M. *Dio per noi. La Trinitá e la vita Cristiana*. Tradução de Edemilson Euclides Lovatto. Queriniana, 1997. p. 2).

¹⁰⁸ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Academia Cristã, Santo André, 2014, p. 125.

¹⁰⁹ Jesus é o logo de Deus, a segunda pessoa da Trindade. Segundo Sampaio, toda a atuação de Jesus é marcada pela atuação das outras pessoas divinas. Jesus revela desse modo, o ser profundo da Trindade na economia da salvação (Cf. SAMPAIO, R. D. S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. PUC-RIO, 2018, p. 21).

¹¹⁰ SAMPAIO, R. D. S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. PUC-RIO, 2018, p. 23.

¹¹¹ Sobre o axioma de Karl Rahner, diz Ladaria: Deus uno e trino se revela na ‘economia’, tal como é sua vida imaneente: através da revelação de Cristo temos um verdadeiro acesso à ‘teologia’ (LADARIA, L. F. *O Deus vivo e verdadeiro*. Loyola, São Paulo, 2015, p. 38).

¹¹² Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 302.

princípio formal do conhecimento da cruz é a doutrina da Trindade. Onde estão o início? É notório que o Novo Testamento não apresenta uma doutrina da detalhada da Trindade”¹¹³.

No messianismo de Jesus, presente nos evangelhos decorre através da presença do Espírito de Deus em seu ministério, Moltmann identifica a atuação trinitária na economia salvífica¹¹⁴: O batismo de Jesus, aponta seu nascimento no Espírito Deus. Desse modo, cristologia e pneumatologia não são disciplinas contrastivas, mas associadas: “A *kénosis* do Espírito em Jesus significa que ‘o Espírito de Deus torna-se o Espírito de Jesus Cristo. entrega-se por inteiro à pessoa de Jesus a fim de comunicar-se, por meio de Jesus, a outros homens e mulheres. De sorte que a história de Jesus é a história do Espírito”¹¹⁵.

Desse modo, quando falamos de messianismo, evocamos concomitantemente a figura do Espírito Santo como grande protagonista e articulador da história da salvação promovida por Jesus de Nazaré¹¹⁶. O nascimento no Espírito de Jesus, é a própria continuidade da comunicação de Deus iniciada na história do povo de Israel:

A história crítica de Jesus não começa com o próprio Jesus, mas com a *Rûah* – o Espírito Santo. E a chegada do Espírito, do fôlego criador de Deus no qual Jesus aparece como “o Ungido” (*masi^{ah}*, *christos*), no qual anuncia o Evangelho do reino com poder e efetua os sinais da nova criação de forma convincente para muitos. É o poder do Espírito criador por meio do qual traz a este mundo doente saúde e liberdade aos homens escravizados. Acontece na presença do Espírito que Deus se lhe revela com o nome ‘*Abba*, que Jesus descobre a si mesmo como o “Filho” deste Pai e na qual realiza essa relação íntima em sua comunhão de oração com Deus¹¹⁷.

A atuação do Espírito na vida de Jesus, permite que o teólogo identifique e desenvolva o que ele define como cristologia trinitária, ligando a figura de Jesus ao messias esperado por Israel: “[...] o Espírito conduz, segundo os evangelhos, Jesus a todos os lugares em sua missão e é o responsável pela atuação Dele, inclusive em sua entrega, entrega à morte na cruz”¹¹⁸. Não pode existir assim, para Moltmann, cristologia incondicional: “A condição histórica da

¹¹³ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 303.

¹¹⁴ Segundo Sampaio, a cristologia desenvolvida por Moltmann ressalta o aspecto trinitário, sendo fruto dos desenvolvimentos teológicos dos primeiros séculos (Cf. SAMPAIO, R. D. S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. PUC-RIO, 2018, p. 24).

¹¹⁵ HAIGHT, R. *Jesus: O símbolo de Deus*. Paulinas, São Paulo, 2005, p. 512.

¹¹⁶ Para Moltmann, a história crística de Jesus não começa com o próprio Jesus, mas sim com a *ruah* (Espírito Santo) fôlego criador de Deus no qual Jesus aparece como o “Ungido” (Messias), anunciava o evangelho, e efetuava sinais incorporando os excluídos ao Reino de Deus. Além disso, é no poder do Espírito que o Pai se lhe revela como *Abba* (SAMPALIO, R D S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. PUC-RIO, 2018, p. 27).

¹¹⁷ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Academia Cristã, Santo André, 2014, p. 123.

¹¹⁸ SAMPAIO, R. D. S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. PUC-RIO, 2018, p. 27.

crisologia é a promessa do Messias do Antigo Testamento e a esperança judaica fundamentada na Bíblia Hebraica. Somente se reconhece a Cristo de forma autêntica quando se reconhece a ele e sua história à luz das promessas do Antigo Testamento e da história da esperança do Israel atual”¹¹⁹.

O messianismo de Jesus encontra seu substrato nas promessas do Antigo Testamento¹²⁰. Moltmann busca recuperar a esperança messiânica que segundo ele mesmo, estava esquecida, tanto no âmbito da crisologia e da escatologia. O teólogo relaciona o messianismo no âmbito da missão¹²¹. Os Evangelhos identificam nas promessas de Deus do Antigo Testamento a futura atuação de Jesus. Essa identificação se dá pela ação do Espírito, que revela a relação de Jesus com seu Pai: “Por isso, constatamos que a história de Jesus de Nazaré pressupõe a ação do Espírito, que estabelece a íntima relação de Jesus com seu Pai e o pleno cumprimento da vontade do Pai por Jesus revelando plenamente o ser mais profundo de Deus Triúno – *pathos* - em todas as dimensões e momentos de sua vida, sobretudo, no evento da cruz”¹²².

A sua unção com o Espírito de Deus, o faz colaborador da missão salvífica de Deus-Pai, propiciando uma concepção trinitária de Deus¹²³. Essa crisologia do Espírito permite a perpetuação da Aliança de Deus na história humana, transcrita agora, na tradição cristã. Antiga e Nova Aliança se ligam na tradição cristã, de modo que: “Foi por isso que Deus, inspirador e autor dos livros dos dois Testamentos, dispôs tão sabiamente as coisas, que o Novo Testamento está latente no Antigo, e o Antigo está patente no Novo”¹²⁴. Assim, para Moltmann: “A linguagem do Espírito é simplesmente o modo dominante de falar acerca da relação de Jesus com Deus. Moltmann pressupõe um Deus trinitário e escreve a partir do contexto da linguagem cristã tradicional. [...] Jesus Cristo é identificado com a sabedoria preexistente e, como tal, Cristo é o substrato da criação original de todas as coisas [...]”¹²⁵.

Para compreendermos melhor acerca da crisologia do Espírito de Moltmann, é preciso se atentar para uma importante categoria: o messianismo¹²⁶. Messianismo que remonta ao

¹¹⁹ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: crisologia em dimensões messiânicas*. Academia Cristã, Santo André, 2014, p. 19.

¹²⁰ MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*. Herder, São Paulo, 1971, p. 157.

¹²¹ MARTINS, A. *O pensamento escatológico de Jürgen Moltmann* in *Revista Pistis Praxis*, 2022, 14.1, p. 167.

¹²² SAMPAIO, R. D. S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. PUC-RIO, 2018, p. 27.

¹²³ Cf. Idem, p. 21.

¹²⁴ DV, n. 16.

¹²⁵ HAIGHT, R. *Jesus: O símbolo de Deus*. Paulinas, São Paulo, 2005, p. 376.

¹²⁶ Segundo Sampaio, todo ministério de Jesus é lido em perspectiva messiânica por Moltmann (Cf. SAMPAIO, R. D. S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. PUC-RIO, 2018, p. 29).

messianismo judaico: “O pressuposto básico da teologia de Moltmann é a promessa messiânica do Antigo Testamento e a esperança judaica fundada nesta promessa. Essa pressuposição é necessária para a recuperação da dimensão original e messiânica da teologia cristã”¹²⁷.

Dentre muitos reis infiéis a Yahweh, urge a figura de Davi como modelo de rei temente a Deus. A figura de Davi se torna emblemática para a monarquia de Israel e após sua morte, cria-se uma idealização em Israel por uma figura carismática messiânica: “A aparente inadequação da ideia de monarquia levou, conseqüentemente, a uma idealização de um monarca que viverá à altura do seu divino unção através da sua justa regra. A idealização deste rei esperado, no entanto, não significa a sua despolitização. O rei messiânico é um “messias teopolítico”¹²⁸.

A categoria “messiânico” na teologia moltmanniana, encontra uma recuperação e delinea uma nova perspectiva da teologia sistemática¹²⁹. Acerca da pessoa messiânica de Jesus, Moltmann defende que o messianismo de Jesus não fora somente uma projeção pós-pascal das primeiras comunidades. Antes, seu messianismo é historicamente demonstrado pela sua vida e atuação¹³⁰. Não obstante, Moltmann salienta que Jesus é o Filho de Deus através da experiência de seu batismo¹³¹. Segundo teólogo: “A *Rûah Jaweh*/Espírito de deus cria aquela relação recíproca na qual Jesus chama Deus de ‘Abba e se compreende como ‘filho’ desse Pai”¹³². Jesus através do Espírito tem uma relação com o Pai. A relação entre Pai e filho é mútua, a ponto de dizer: “Crede-me: eu estou no Pai e o Pai em mim”¹³³. Tal construto teológico permite o teólogo dizer em humanização¹³⁴ do Espírito em Jesus¹³⁵. Desse modo, fica claro que:

A teologia de Jürgen Moltmann persegue a teologia cristã de tal forma que ambos reconhecem a integridade da tradição judaica e preservam a particularidade de Trinitarismo cristão. Para Moltmann, a teologia cristã deve ser definida como messiânica-teológica, a fim de que se encontre em diálogo direito e contínuo com o povo judeu, o povo do Messias. Moltmann recupera a dimensão messiânica do cristianismo que este último herdou da fé judaica, e ele demonstra convincentemente que a doutrina cristã da Santíssima Trindade, que anteriormente se tinha mantido

¹²⁷ ZATHURECZKY, K. *The messianic disruption of Trinitarian theology*. Rowman & Littlefield, 2009, p. 11, tradução nossa.

¹²⁸ Idem, 11.

¹²⁹ Cf. idem, p.11.

¹³⁰ Cf. MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Academia Cristã, Santo André, 2014, p. 215.

¹³¹ Cf. Idem, p. 221.

¹³² Idem, p. 222.

¹³³ Cf. Jo 14, 11.

¹³⁴ Segundo Veliq, em Moltmann, podemos nos referir a uma humanização do Espírito e não somente uma habitação na dele, enquanto que encarnação evoca algo incondicional e a habitação que depende da existência humana (VELIQ, F. *A pneumatologia hermenêutica de Jürgen Moltmann*. Caminhos, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 245-258, jan./jun. 2019. p. 117).

¹³⁵ Cf. MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Academia Cristã, Santo André, 2014, p. 223.

como uma doutrina impermeável barreira metafísica que separa o cristianismo do judaísmo, encontra o seu verdadeiro significado dentro de uma matriz hermenêutica determinada pelo conceito de messiânico¹³⁶.

Através dessa nova matriz hermenêutica messiânica, Jesus de Nazaré é o Cristo de Deus, que inaugura na vida do mundo, um novo *éon*¹³⁷. Jesus instaura assim, o Reino de Deus no mundo presente, que qualifica o tempo histórico como tempo messiânico¹³⁸: “Com a vinda do Messias no envio, na morte e na ressurreição de Jesus, porém, o mundo daquela fé histórica mudou se modificou. A partir do futuro aberto e ambivalente daquela história anuncia-se o fim da história humana e o anúncio do Reino promissor de Deus”¹³⁹.

A acolhida do Reino de Deus, coloca diante do homem a exigência de uma vida nova, alicerçada no Espírito: “A luta entre o espírito e a carne é uma luta entre um velho *éon* e um novo *éon* que se inaugura com a ressurreição de Cristo e a efusão do seu Espírito sobre os fiéis e essa luta pode ser entendida como uma luta entre o impulso de vida do Espírito e o impulso de morte pelo pecado”¹⁴⁰.

O anúncio do Reino de Deus, a partir de sua Ressurreição, instaura um novo tempo na vida do homem, o tempo *kairológico*¹⁴¹, o tempo da graça. Não obstante, o anúncio do Reino lhe custou a própria vida, e segundo Moltmann: “De acordo com Bultmann, o conteúdo doutrinário de sua proclamação consiste em puro profetismo ou Torá radicalizada. Mas o fato dele anunciar o Reino de Deus que viria como já presente, e o fato dele dizer e como dizia, era realmente novo a ponto de o causar a sua crucifixão”¹⁴².

2.3 Cristologia escatológica

Nas aparições de Jesus após sua morte, seus discípulos num primeiro momento pensam ver um fantasma, no entanto, o Cristo glorificado lhes diz: “Vede minhas mãos e meus pés, sou

¹³⁶ ZATHURECZKY, K. *The messianic disruption of Trinitarian theology*. Rowman & Littlefield, 2009, p. 12, tradução nossa.

¹³⁷ *Éons*, significa “tempos do mundo”. Jürgen Moltmann define a história do mundo antes e depois de Cristo. Ao pregar o Reino de Deus na história do homem, Jesus Cristo instaura uma ruptura cósmica entre o “mundo presente” e a nova criação realizada em sua pessoa (Cf. MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Academia Cristã, Santo André, 2014, p. 238).

¹³⁸ Para Velíq, Moltmann chama a atenção de que os evangelistas usam a lógica do futuro para construir a origem de Cristo. Desse modo, se Jesus subiu ao céu, é porque de lá desceu. O Espírito já está presente desde a origem de Jesus, por isso, é perspicaz um olhar retrospectivo dos escritores sagrados (Cf. VELIQ, F. *A pneumatologia hermenêutica de Jürgen Moltmann*. Caminhos, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 245-258, jan./jun. 2019. p. 115).

¹³⁹ MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica Caminhos e formas da teologia cristã*. Unisinos, 2004, p. 47.

¹⁴⁰ VELIQ, F. *A pneumatologia hermenêutica de Jürgen Moltmann*. Caminhos, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 245-258, jan./jun. 2019. p. 248.

¹⁴¹ Tempo do dom, da graça (Cf.: ARANTES, P. C. *Kairós e Chronos: Origem, significado e uso*. Revista Pandora Brasil, 2015, p. 58).

¹⁴² MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 157.

eu mesmo!”¹⁴³. Desse modo, Jürgen Moltmann identifica o tom escatológico no âmbito cristológico, como ressalta Sampaio: “[...] toda a teologia da cruz evangélica, e consequentemente, toda a história do Jesus terreno, é lida a partir de suas aparições gloriosas, isto é, a partir da perspectiva da ressurreição. Em outras palavras, a ressurreição esclarece a crucificação, o ressuscitado enche de sentido o crucificado”¹⁴⁴.

A missão dada pelo Pai e abraçada por Jesus, o leva à morte. Não obstante, diz Leite: “Em sua cristologia Moltmann analisa o sofrimento de Cristo através de dois vieses: o primeiro [...] parte da vida humana de Jesus, e o segundo parte da ressurreição”¹⁴⁵. A história de Jesus narrada nos Evangelhos é uma história teológica-escatológica, que evoca o aspecto trinitário da atuação de Deus. Nessa perspectiva, o caminho de Jesus até a cruz, ou seja, a sua atuação soteriológica, é lida por Moltmann em chave escatológica:

Sua leitura teológica não parte do começo para o fim: do crucificado para o ressuscitado, mas do fim para o começo: do ressuscitado para o crucificado. Essa abordagem nos leva a observar os acontecimentos da economia na vida de Jesus como um experimentar do amor pleno: vida trinitária. Ou seja, a ressurreição como o evento que ilumina a crucificação, e esta, por sua vez, imprescindível para a compreensão do mistério do ser profundo de Deus revelado em Jesus ao qual participaremos plenamente na glória¹⁴⁶.

Os primeiros cristãos, correlacionaram a partir de sua fé pós-pascal, os acontecimentos da vida de Jesus sofredor com sua decorrente glorificação pelo Pai. No entanto, a correlação entre o Crucificado e o Ressuscitado geram questionamentos para nosso teólogo: é necessário compreender o seu fim violento a partir do contexto de sua vida, ou o compreendermos a partir da fé na ressurreição? Para Moltmann, para essa compreensão é necessário relacionar a sua compreensão histórica com a compreensão teológica, e assim:

Se o primeiro caminho leva ao processo de Jesus no sentido estrito, o segundo caminho leva à reabertura do processo de Jesus por Deus e pela fé na ressurreição. Com isso, não é sua morte na cruz que entra em uma luz escatológica, mas, justamente com ela, sua vida e seu caminho até a cruz, pois a ressurreição não atinge somente sua morte ou sua cruz, mas toda a sua pessoa e, portanto, também a sua vida, anúncio e atuação. Sua morte não é elevada à vida divina, nem sua cruz glorificada, mas, de acordo com o testemunho pascal, o Crucificado é aquele que é ressurreto e exaltado como Senhor do futuro de Deus¹⁴⁷.

¹⁴³ Lc 24, 39.

¹⁴⁴ SAMPAIO, R. D. S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. PUC-RIO, 2018, p. 29.

¹⁴⁵ LEITE, F. G. *Da apatia à compaixão: O sofrimento da Criação e o sofrimento de Deus em Cristo segundo Jürgen Moltmann*. p. 39.

¹⁴⁶ SAMPAIO, R. D. S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. PUC-RIO, 2018, p. 21.

¹⁴⁷ MOLTMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 164.

No cerne da cristologia de Moltmann, como em toda sua teologia, está o tema da esperança cristã. A história de Cristo é lida sob a chave interpretativa de um horizonte escatológico¹⁴⁸, o horizonte de Deus, segundo o teólogo. O Crucificado é identificado com o Ressuscitado, de modo que a história de Jesus só apresenta sentido e real significado, ao passo que sua obra redentora é coroada com a sua Ressurreição: “Para Moltmann, Deus, pela ressurreição dentre os mortos, faz de Jesus o Cristo e revela a si mesmo como o “Pai de Jesus Cristo”¹⁴⁹.

Esta identificação que Moltmann aborda em sua teologia, faz com que se rompa a separação entre o Jesus histórico e o Cristo da fé. Então, a dimensão histórica de Jesus e a compreensão de sua vida a partir da fé de seus posteriores discípulos, estão justapostos: “[...] Moltmann necessariamente tem que conceber que sua ressurreição é um elemento que se enquadre dentro da realidade histórica, na qual Jesus estava inserido. Nesse sentido, qualquer evento que tenha como objeto a pessoa histórica de Jesus-Cristo também deve ser um evento real-histórico”¹⁵⁰.

Partindo da realidade histórica de Jesus, se desenvolve assim, a prospectiva fé escatológica. Moltmann em sua obra “Teologia da Esperança” (1968), apresenta como caráter propedêutico à sua epistemologia escatológica, em o que consiste o esperar da fé. Posto que para o teólogo, a promessa tem aspecto fontal de dinamização da realidade, construindo um presente a partir do futuro prospectado a partir da fé, podemos afirmar, que o cristianismo é total e visceralmente escatologia¹⁵¹. A fé cristã assim, se apoiando sobre a esperança, se lança para fora deste mundo¹⁵². Não obstante, Kuzma aponta que Moltmann dá um passo a mais em relação ao tema da esperança cristã¹⁵³. Em contraposição ao esquema tradicional para a teologia proposto por Anselmo de Cantuária, nosso teólogo pressupõe a esperança diante do ato do intelecto:

Na Idade média, Anselmo de Cantuária estabeleceu para a teologia o princípio desde então normativo e fundamental: *fides quaerens intellectum – credo ut intelligam*. Este

¹⁴⁸ Cf. Idem, p. 165.

¹⁴⁹ LEITE, F. G. *Da apatia à compaixão: O sofrimento da Criação e o sofrimento de Deus em Cristo segundo Jürgen Moltmann*. p. 40.

¹⁵⁰ CUNHA, G. P. *O sentido da ressurreição de Jesus Cristo na escatologia. Protestantismo em Revista*, São Leopoldo-RS, 2017, p. 223.

¹⁵¹ Cf. MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*. Herder, São Paulo, 1971, p. 2.

¹⁵² Cf. Idem, p. 6.

¹⁵³ Cf. KUZMA, C. A. *A esperança cristã: fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann*. Mestrado em teologia. PUC-RIO, 2007, p. 79 Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=11197@1.>>. Acesso em: 07 de Set. de 2021.

princípio fundamental vale também para a escatologia, e hoje em dia talvez seja de decisiva importância para a teologia cristã estabelecer como princípio básico: *spes quaerens intellectum – spes ut intelligam*. Se é a esperança que conserva a vida a fé em vida, a sustenta e impele para a frente; se é a esperança que introduz o crente na vida de amor, também deve ser a esperança que mobiliza e impulsiona o pensamento da fé, o conhecimento e a reflexão do homem, da história a da sociedade. O crente espera conhecer o que crê. Por isso todo seu conhecimento, como conhecimento antecipatório, fragmentário, que preludia o futuro prometido, apoia-se na esperança. Por isso a esperança, por sua vez, abrindo a fé às promessas de Deus, se interlocutora do pensamento, impulso, inquietude e tormento da reflexão¹⁵⁴.

Moltmann em sua proposta, quer resgatar a esperança como centralidade da teologia cristã. Esperança que é capaz de transformar a realidade presente e fornecer os ideais antecipatórios de amor em favor do homem¹⁵⁵. Desse modo, o fazer teológico através da perspectiva da Ressurreição de Cristo ganha nova abordagem, de modo que a escatologia conjugue história e porvir. Um novo horizonte histórico se desdobra para a realidade presente. Através dos instrumentais escatológicos, são ampliadas as possibilidades para o presente. A teologia, assim, em sua perspectiva escatológica, ganha amplitude, e: “O seu conhecimento não deve ser dominado pela vontade, mas se encaminhar para o futuro das coisas, pelo amor. [...] São, portanto, conceitos dotados de dinamismo que provocam movimentos e transformações práticas”¹⁵⁶.

Moltmann em seus estudos de escatologia, encontra uma ligação entre promessa¹⁵⁷ e revelação. Para o teólogo, a revelação é fundamentalmente escatológica¹⁵⁸. A epifania de Deus na história do povo de Israel encontra na promessa o seu caráter mais peculiar: “Deus se revela sob a forma de promessa e pela história da promessa”¹⁵⁹. Nessa perspectiva, Deus não se revela para que o homem tome ciência apenas do seu Ser enquanto Deus, mas através da categoria de promessa, quer revelar ao homem um sentido para sua história. Moltmann compreende, contudo, o aspecto da historicidade como elemento do Ressuscitado:

A historicidade da Ressurreição é porque ela se dá de fato dentro da história, mas anunciando, nas aparições pascais do Cristo Ressuscitado, o futuro da própria história, da humanidade e do próprio Deus. O que Moltmann demonstra é que Deus revela algo novo, ainda não conhecido nem compreendido por aqueles homens e por aquelas mulheres. Ao ser mostrado ressuscitado por Deus-Pai, Jesus apresentou relances e

¹⁵⁴ MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*. Herder, São Paulo, 1971, p. 23.

¹⁵⁵ Cf. MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*. Herder, São Paulo, 1971, p. 25.

¹⁵⁶ Idem, p. 26.

¹⁵⁷ Para Moltmann, a categoria promessa se relaciona com a promessa do Deus-guia. A promessa anuncia uma realidade que ainda não existe, que se realizará no âmbito da impossibilidade. A promessa desse modo, é divina, e liga o homem ao futuro que lhe abre o sentido para a história. (Cf. MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*. Herder, São Paulo, 1971, p. 111).

¹⁵⁸ Cf. CUNHA, R. G. A. *A escatologia do amor. A esperança na compreensão trinitária de Deus em Jürgen Moltmann*. Vozes Acadêmicas, Rio de Janeiro, 2020, p. 9.

¹⁵⁹ MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*. Herder, São Paulo, 1971, p. 34.

lampejos da gloriosa presença do Reino, glória que se apresenta na manifestação da vida, paz e justiça anunciados desde os tempos do Antigo Testamento. Mas esta manifestação da glória do Reino parece ganhar toda sua atenção não por ser uma “luminosa” manifestação, mas por ser uma manifestação encarnada¹⁶⁰.

A esperança não nos decepciona¹⁶¹. Cristo é o fundamento da esperança cristã, pois abriu-nos um novo caminho¹⁶². O Ressuscitado assim, propõe um caminho baseado na esperança e promessa: “[...] Cristo é a nossa esperança (cf. Cl 1,27), é o protagonista de toda a história. Sua ressurreição se torna algo forte, incompreensível aos olhos humanos, alcançada apenas pela fé. Por isso afirmamos que, Ele é o fundamento da esperança cristã”¹⁶³. A fé da Igreja protocristã, diante da morte de Jesus, não permite mais que se procure dentre os mortos aquele que está vivo, mas exclama: Não está aqui! Ressuscitou!¹⁶⁴. Assim, o Filho de Deus feito homem, que em tudo fez a vontade do Pai, é glorificado, ligando a sua humanidade à nossa. Tal aspecto escatológico da vida de Jesus é salientado por Moltmann, que liga a primária compreensão de fé à história de Jesus de Nazaré:

Os primeiros títulos cristológicos, formulados sob a impressão das aparições do Cristo crucificado à luz da glória vindoura de Deus, são títulos de esperança e promessa: o ‘Primogênito dos que dormem’, o ‘Primeiro da ressurreição dos mortos’, ‘o líder da vida’. Ou seja, o Crucificado foi compreendido à luz de seu futuro com Deus que vem em sua glória. Por isso, sua crucificação histórica foi entendida como evento de julgamento escatológico e sua ressurreição como antecipação oculta do Reino escatológico da glória, no qual os mortos serão ressuscitados. [...] Pois a esperança pascal não ilumina apenas adiante, isto é, o *novum* desconhecido da história, aberto por tal esperança, mas, ao mesmo tempo, ilumina o que ficou para trás, isto é, os campos dos mortos da história e, entre todos, primeiro aquele Crucificado que apareceu naquela visão¹⁶⁵.

Há para Moltmann, um intercruzamento entre o significado do Ressuscitado e do Crucificado, de modo que para ele: “O Jesus histórico não é o ‘meio Cristo’ e o Cristo ressuscitado não é outra metade de Jesus. Trata-se de uma mesma pessoa e de sua história singular. O Cristo ressuscitado é o Jesus histórico e o crucificado”¹⁶⁶. Essa total identificação entre o Jesus histórico e o Cristo ressuscitado faz com que na ressurreição de Cristo, esteja

¹⁶⁰ CUNHA, G. P. *O sentido da ressurreição de Jesus Cristo na escatologia de Jürgen Moltmann* in *Protestantismo em Revista*. 2017, p. 225.

¹⁶¹ Cf. Rm 5,5.

¹⁶² Cf. Rm 10, 20.

¹⁶³ KUZMA, C. A. *A esperança cristã: fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann*. Mestrado em teologia. PUC-RIO, 2007, p. 81. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=11197@1.>>. Acesso em: 07 de Set. de 2021.

¹⁶⁴ Cf. Lc 24, 5-6.

¹⁶⁵ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 203.

¹⁶⁶ Idem, p. 200.

presente também a nossa ressurreição.¹⁶⁷ A facticidade da vida humana que se une ao Crucificado, ganha nova perspectiva de realidade, ao passo que se une também ao Ressuscitado. Em retrospecto, podemos dizer como Moltmann, que através do messianismo de Jesus, ou seja, sua atuação junto ao povo, já inaugura no tempo presente a ação de Deus. Tal ação, por sua vez, presentifica toda esperança no futuro de Deus¹⁶⁸.

O Cristo Ressuscitado é para Moltmann o Crucificado, o Jesus histórico é o Cristo da fé. A figura de Jesus então, se torna dinâmica, ao passo que une realidade histórica e escatológica¹⁶⁹. Moltmann ainda salienta que se Jesus de Nazaré fosse uma figura meramente história, sua mensagem não seria mais lembrada após sua morte na cruz¹⁷⁰. Por isso, a sua Ressurreição faz irromper na história um novo, tornando presente o futuro de Deus: “O Evangelho anuncia a irrupção presente deste futuro e, vice-versa, o futuro é anunciado nas palavras do Evangelho. Por conseguinte, a pregação de Cristo está contida numa revelação que encerra a proximidade do Senhor que vem. Desta forma ela torna “histórica a realidade do homem e o engaja dentro da história”¹⁷¹. Este futuro revelado na pregação de Jesus à luz de sua ressurreição, desse modo, para o teólogo, a fé cristã lê a vida de Jesus de trás para frente, à luz da experiência pós-pascal.

2.4 Cristologia solidária

Deus em sua obra de amor, autocomunica-se aos homens, oferta uma nova vida participativa em seus mistérios¹⁷². No desdobrar-se da história humana, Deus se auto revela, transborda o seu amor ao homem, de modo a criar comunhão com o mesmo e por isso: “[...] nos revelou o mistério da sua vontade, de acordo com o seu bom propósito que ele estabeleceu em Cristo”¹⁷³. A iniciativa é do próprio Deus em estabelecer uma aliança com o homem, e segundo a tradição cristã: “[...] em prol de nós, homens, e de nossa salvação, desceu dos céus, e se encarnou, do Espírito Santo e Maria, a Virgem, e se humanou [...]”¹⁷⁴. Não obstante, no prólogo do Evangelho de João, também está presente a teologia do Verbo, *Logos*, que se fez

¹⁶⁷ KUZMA, C. A. *A esperança cristã: fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann*. Mestrado em teologia. PUC-RIO, 2007, p. 81. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=11197@1.>>. Acesso em: 07 de Set de 2021.

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ Cf. CUNHA, G. P. *O sentido da ressurreição de Jesus Cristo na escatologia de Jürgen Moltmann in Protestantismo em Revista*, v.43, n.1. São Leopoldo, 2017, p. 223.

¹⁷⁰ Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 201.

¹⁷¹ MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*. Herder, São Paulo, 1971, p. 157.

¹⁷² DV, n. 1.

¹⁷³ Ef 1, 9.

¹⁷⁴ DZ, 150.

carne. Deus manifesta-se de modo criatural e histórico em Jesus¹⁷⁵. Deus então, se esvazia e toma a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens¹⁷⁶. É neste contexto que Moltmann apresenta a sua teologia.

O autoesvaziamento de Deus, sua *kénosis*, marca o acontecimento de sua autorrevelação¹⁷⁷. Moltmann em sua cristologia, elenca o aspecto o esvaziamento de Deus em Jesus como uma atitude autocomunicativa de Deus. Deus se esvazia por amor, quer comunicar a si mesmo, o seu amor, é solidário ao homem: “Com esse gesto, sua *kénosis*, leva à plenitude sua criação. Isso se dá por ser amor que não cabe em si, amor criador, que se comprime para que a finitude do mundo exista dentro de sua eternidade, e por isso o Filho se encarna esvaziando-se para comunicar seu amor”¹⁷⁸. Depreende então, uma teologia do *pathos* de Deus.

A cruz na tradição cristã sempre se apresentou como elemento primordial. Jesus ao se dirigir aos seus discípulos, não deixa de evocar a sua importância para o seu seguimento. Jesus convida seu discípulo a negar a si mesmo e a carregar cada qual a sua cruz¹⁷⁹. Não obstante, o discípulo que não a carrega, é indigno de seu mestre¹⁸⁰. Em “O Deus crucificado”, Moltmann encara o debate acerca da existência de Deus e a fé cristã que afirma que Deus está morto. Urge então, a necessidade de olhar teologicamente para a cruz de Cristo e ouvir o que ela tem a nos dizer, de modo que: “A teologia do *pathos* é de suma importância para a compreensão da cruz como a expressão plena da *kénosis*, autocomunicação, do ser profundo de Deus triúno”¹⁸¹. Cabe à teologia então, muitas perguntas: Acaso pode Deus morrer, e ainda mais: por amor? Como compreender a essência de Deus a partir de sua morte? A cruz desse modo, se torna tema para a teologia de nosso teólogo, que inferindo uma teologia da morte de Deus, se pergunta: Qual o significado da cruz de Cristo para o próprio Deus?¹⁸². Qual o sentido do *pathos* de Deus?

¹⁷⁵ Cf. KONNINGS, J. *Evangelho segundo João Amor e Fidelidade*. Loyola, São Paulo, 1996, p. 75.

¹⁷⁶ Fl 2, 7.

¹⁷⁷ Segundo Sampaio, a *kenosis* segundo Moltmann, significa a nossa própria história assumida por Deus. Desse modo, a humanidade, segundo o teólogo, é divinizada e a divindade é humanizada. O divino, assim, experimenta a sua humanidade em sua expressão mais profunda e radical (Cf. SAMPAIO, R. D. S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. PUC-RIO, 2018, p. 16).

¹⁷⁸ SAMPAIO, R. D. S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. PUC-RIO, 2018, p. 54.

¹⁷⁹ Cf. Lc 9, 23.

¹⁸⁰ Cf. Mt 10, 38.

¹⁸¹ SAMPAIO, R. D. S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. PUC-RIO, 2018, p. 36.

¹⁸² Cf. MOLTMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 247.

Através de tais questionamentos, é que Moltmann se debruça em sua teologia por perguntar acerca do abandono de Deus em Jesus ¹⁸³:

Para Moltmann, a crucificação de Cristo representa o abandono de Deus ao sofrimento humano, e a compreensão desse abandono conduziria os indivíduos a se libertarem das distorções religiosas, tendo em vista essa solidariedade de Deus com a dor humana. Essa perspectiva seria o fundamento da maturidade cristã, de acordo com Moltmann, que acredita serem a crucificação e a ressurreição fundamentos sólidos para a busca de sentido tanto na história quanto na própria vida ¹⁸⁴.

Deus se abandona ao sofrimento humano. Jesus sofre, se entrega às vicissitudes da vida humana. Deus se entrega à injustiça dos homens. Sofre diante de sua condenação injusta, se abandona pelo Reino. Por isso, o teólogo vai dizer que os sofrimentos de Jesus são apocalípticos, pois são experimentados dentro do tempo presente, mas que, ao mesmo tempo são escatológicos, e por isso, diz Almeida: “Portanto, ei-nos diante do sofrer e morrer de Jesus, o que, segundo Moltmann, é consequência lógica do caráter inclusivo de seus sofrimentos experimentados em solidariedade com muitos” ¹⁸⁵.

No entanto, Jesus enquanto Deus, pode sofrer? Moltmann afirma que a teologia primitiva delineou uma concepção de um Deus que é incapaz de sofrer ¹⁸⁶. A origem de tal concepção apática para Deus está na cultura grega, que segundo Sampaio: “Moltmann nos mostra que ocorre uma mudança epistemológica acerca da figura de Deus quando o cristianismo, por força de sua essência transmissora, e também, por necessidade, imigra para ocidente e se instala nas cidades onde conhece o helenismo. Essa relação provoca uma adaptação” ¹⁸⁷.

O cristianismo primitivo então, desenvolve uma imagem de Deus, segundo os moldes da *aphateia* ¹⁸⁸ e o Deus da religião católica, passa ser incapaz de exprimir emoções pelo homem. Por conseguinte, o homem que se relaciona com esta imagem de Deus, só pode formar sua consciência ética orientada de acordo com princípios éticos normativos e assim, o cristão

¹⁸³ Segundo Aguiar, o Pai abandona o Filho por nós para tornar-se Deus e Pai dos abandonados. Assim, o Pai entrega o Filho, para que, por meio dele, tornar-se Pai dos “entregues” (Cf. AGUIAR, E. P. C. *Em Jesus, Deus abraça o sofrimento humano*. Paulinas. São Paulo, 2019, p. 137).

¹⁸⁴ BERTOLDO, F. C. *A teologia da cruz segundo Jürgen Moltmann*. Vox Scripturae – Revista Teológica Internacional vol. XXVII – n. 1. São Bento do Sul – SC, 2019, p. 50.

¹⁸⁵ ALMEIDA, E. F. de. *Do viver apático ao viver simpático* Sofrimento e morte. Loyola, 2006, p. 69.

¹⁸⁶ Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 339.

¹⁸⁷ SAMPAIO, R. D. S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. PUC-RIO, 2018, p. 37.

¹⁸⁸ Sobre *aphateia*, Moltmann diz: “É a incapacidade de ser afetado por influência externa, incapaz de sentir, como no caso das coisas mortas, e a liberdade de espírito das necessidades internas e dos danos externos. No sentido físico, *aphateia* significa “imutabilidade”; no sentido psicológico, “insensibilidade”; e no sentido ético, “liberdade” (Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 340).

crente deve ser sábio e se manter livre das emoções¹⁸⁹. Moltmann rompe com essa tradição que evoca um Deus apático e analisa no grito de Jesus todo sofrimento humano: “Na paixão do Filho, o Pai sofre a dor do abandono. Na morte do Filho, a morte vem sobre Deus mesmo, e o Pai sofre a morte do Filho em amor pela humanidade pecadora”¹⁹⁰.

A teologia judaica, sobretudo a literatura profética, em contraposição à apatia grega dos deuses, estabelece uma figura de Deus que se aproxima dos eventos históricos do seu povo. O Deus bíblico tem um *pathos*¹⁹¹ pelo seu povo, que: “Não tem nada a ver com emoções humanas irracionais, como o desejo, a raiva, a ansiedade, a inveja ou a simpatia, mas descreve a maneira com a qual Deus é afetado pelos eventos, ações humanas e sofrimento na história. Ele é afetado porque está interessado na sua criação, no seu povo e no seu direito”¹⁹². Por isso, Deus se aproxima do homem, porque ama, porque quer salvá-lo. Deus tem paixão pelo seu povo, ele é o Go’el¹⁹³ de seu povo, que o liberta no amor e para o amor.

Para Moltmann, a teologia bíblica, diferentemente do pensamento grego, propõe o amor de Deus como paixão, capaz de envolvimento com os outros: “O amor de Deus é envolvimento com outros. *Pathos* não é uma deficiência do amor humano que deve ser eliminada do conceito do amor divino, e sim a grandeza do amor, sem a qual ele não é um amor reconhecível”¹⁹⁴. Os sofrimentos de Cristo então, não estão desvinculados com os de Israel, e assim, nos sofrimentos de Cristo, estão presentes todos os sofrimentos dos homens de todo o tempo, e assim, Deus expressa solidariedade com todo o gênero humano¹⁹⁵.

A revelação da paixão do Deus go’el do Antigo Testamento, encontra em Jesus sua plenitude, que sendo enviado pelo Pai, ilumina todos os homens, habitando entre nós e explicando-nos os segredos de Deus¹⁹⁶. Por isso, Deus na história da salvação dos homens, não

¹⁸⁹ Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 341.

¹⁹⁰ ALMEIDA, E. F. *Do viver apático ao viver simpático - sofrimento e morte*. São Paulo. Loyola, 2006, p. 54.

¹⁹¹ “Esse *pathos* de Deus culminou no *pathos* (ou paixão) de Cristo. Moltmann preconiza que paixão possui concomitantemente o significado de “sofrimento e amor ardente”. Entretanto, embora possua essas duas características, Deus não é um incoerente e impulsivo, nem possui uma submissão ao sofrimento da mesma forma que o ser humano, mas, por causa de seu amor pelo outro, Ele se abre ao sofrimento e pela mesma causa ele supera a dor que surge deste sofrimento” (CARVALHO, G. S.; FLUCK, M. R. *Da apatia à simpatia: uma reflexão da participação de Deus no sofrimento humano a partir de Jürgen Moltmann*. Revista Teologia, sociedade e espiritualidade. Número 4 – vol 1 – Curitiba/PR, 2018, p. 83).

¹⁹² MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 344.

¹⁹³ “Go’al é libertar; go’el é aquele que liberta, aquele que resgata, redentor, protetor, vingador do sangue. [...] a instituição do go’el enraíza-se na solidariedade de sangue, no clã familiar. O go’el é o protetor oficial de seus parentes. Partindo deste sentido original, por extensão e em profundidade, Javé começa a ser chamado o go’el de Israel” (GUTIERREZ, G. *O Deus da vida*. São Paulo. Loyola, 1989, p. 45-46).

¹⁹⁴ OLIVEIRA, M. G. *Pode Deus sofrer?* PUC- SP. Revista Eletrônica Espaço Teológico, Vol. 10, n. 18, jul/dez, 2016, p. 124.

¹⁹⁵ ALMEIDA, E. F. *Do viver apático ao viver simpático* Sofrimento e morte. Loyola, 2006, p. 74.

¹⁹⁶ Cf. LG, n. 4.

deixa de lhes ofertar a sua aliança de amor¹⁹⁷. Deus não é indiferente ao homem, lhe propõe constantemente uma aliança de amor e por isso se abandona em solidariedade ao homem na cruz¹⁹⁸. Decorre assim, da teologia do *pathos* de Deus, o seu abandono salvífico.

Esse amor solidário de Deus em relação ao homem, estabelece um vínculo com o mesmo, e o homem se torna um *homo sympatheticus*¹⁹⁹. Desse modo, Moltmann estabelece uma teologia antropológica, ao passo que o homem compreende o mistério²⁰⁰ do amor divino e o aceita:

Como solução proposta por Moltmann, a maturidade deve passar pela compreensão do amor divino. Para ele, Deus é amor e, enquanto amor, ele não é um Deus insensível ao sofrimento humano, como já vimos. Enquanto amor, ele se adapta à sua criação e se entrega totalmente. A onipotência divina, assim, não seria uma onipotência enquanto insensibilidade e sim quanto passividade, revelada na entrega de Cristo diante da crucificação, concede o significado mesmo de ser cristão²⁰¹.

Podemos então concluir que essa solidariedade da parte de Deus para como homem, cria uma relação de *pathos* e de *sympatheia*²⁰², participando dos sofrimentos do homem, de modo que, da mesma forma que Deus esteve com Jesus, Cristo traz a comunhão àqueles que são humilhados como ele²⁰³. Assim, faz sentido dizermos como o apóstolo que estamos crucificados com Cristo. Pois os seguidores de Cristo encontram nele mesmo, a ponte de comunhão com Deus. Não há mais vida humana isolado da vida divina, e nem um Deus desligado da vida humana. Toda vicissitude humana, toda dor, todo sofrimento, todo abandono

¹⁹⁷ Segundo Moltmann, Deus abriu seu coração em aliança a seu povo. Deus sofre no AT pela desobediência de seu povo. Decorre então, a sua ira. Essa ira, decorre do *pathos* de Deus para com o ser humano. O seu amor pelo homem é incomensurável. Por isso, a teologia bíblica evoca que a ira de Deus dura apenas um piscar de olhos. E assim, em sua paixão, Deus sofre em sua paixão pelo seu povo (Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 346).

¹⁹⁸ Segundo Almeida, para Moltmann, a cruz é a forma de esperança nesse mundo, é o que presentifica a ressurreição de Jesus (Cf. ALMEIDA, E. F. *Do viver apático ao viver simpático* Sofrimento e morte. Loyola, 2006, p. 51).

¹⁹⁹ Na relação homem-Deus, Moltmann salienta que na esfera do Deus apático, o homem se torna um *homo apatheticus*. No entanto, na situação de *pathos*, paixão de Deus, ele se torna um *homo sympatheticus* por participação na vida em Cristo, seja em suas orações ou em suas esperanças. A simpatia, segundo o teólogo, é a abertura de uma pessoa ao presente do outro. Como numa estrutura de diálogo, o homem cheio do Espírito de Deus se torna amigo de Deus, sente simpatia com Deus e por Deus. Não obstante, afirma o teólogo que o homem não entra em uma *unio mystica*, mas em uma *unio sympatheticus*. O homem assim, ama como Deus ama (Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 346).

²⁰⁰ Deus é inefável e indefinível diz Karl Rahner, ao passo que não se pode abarcar com propriedade o ser de Deus. Desse modo, Rahner demarca a realidade Deus através do Aonde e o Donde da transcendência do homem, que se constituem como *locus* da experiência divina, na qual se revela a experiência com o transcendente, o Mistério Santo (Cf. RAHNER, K. *Curso Fundamental da fé*. São Paulo, Paulus p. 81-82).

²⁰¹ BERTOLDO, F. C. *A teologia da cruz segundo Jürgen Moltmann*. Vox Scripturae – Revista Teológica Internacional vol. XXVII – n. 1. São Bento do Sul – SC, 2019, p. 60.

²⁰² Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Santo André, Academia Cristã, 2020, p. 350.

²⁰³ Cf. CARVALHO, G. S; FLUCK, M. R. *Da apatia à simpatia: uma reflexão da participação de deus no sofrimento humano a partir de Jürgen Moltmann*, 2018, p. 84. Disponível em: < http://faculdaдебetania.com.br/revista/abril2018/5_da_apatia_a_simpatia.pdf>. Acesso em: 21 de Abril de 2021.

do homem, encontram em Cristo, a participação do próprio Deus. Em tais realidades, Deus está. Está unido aos seus, aos sofredores, abandonados. O abraço da cruz por Jesus, a sua aceitação denota um Deus presente na realidade de sofrimento humano.

Sob este nosso capítulo, que abordamos as definições da cristologia de nosso teólogo acerca da cristologia. A fé cristã é centrada na pessoa do Cristo. A todo aquele que se outorga a ser chamado de cristão lhe é exigido uma configuração autêntica à pessoa de Jesus. Os elementos da cristologia de nosso teólogo incidem de modo fontal no desenvolvimento antropológico do homem, pois apresenta alguns valores que são caros aos seguidores de Cristo. Assim, abre para nós, a partir desse Deus que é afetado pelo sofrimento humano, um exigente caminho de prática solidária que se orienta pela e para a plena esperança cristã. Desse modo, nosso próximo capítulo abordará o impacto da teologia de Moltmann para o aconselhamento pastoral.

3. CRUCIFICADOS COM CRISTO: O IMPACTO DA TEOLOGIA DE MOLTSMANN PARA UM ACONSELHAMENTO PASTORAL

No capítulo precedente, abordamos a cristologia de Jürgen Moltmann. Uma cristologia que exige do homem uma práxis orientada pela caridade e esperança. Seria em vão nossos esforços se se limitassem em apenas elocubrações teóricas. Por isso, nos cabe no presente capítulo, abordarmos o impacto da teologia de moltmanniana no âmbito pastoral. Cabe a ressalva de que Moltmann não faz uma sistematização de uma teologia do sofrimento humano e nem da morte²⁰⁴. Mas o autor de “O Deus crucificado” estabelece uma ponte com a psicanálise, como veremos.

Abordaremos num primeiro momento, o sentido bíblico que a religião cristã outorga para o sofrimento, perscrutando as matizes presentes no Antigo Testamento. Queremos abordar neste capítulo, a temática do sofrimento e da dor segundo a perspectiva cristã de nosso teólogo. Abordaremos também, as contribuições que o Papa João Paulo II na sua carta apostólica *Salvifici Doloris*. No segundo momento, apontaremos os caminhos pastorais da pastoral da saúde, considerando os caminhos para a libertação do homem, como proposto pelo teólogo²⁰⁵, sendo que o mesmo, dialoga com a ciência teológica e psicanalítica. Nosso intento, no entanto, se limitará dentro do aspecto do aconselhamento pastoral como supracitado.

3.1 O sentido que a religião cristã outorga para o sofrimento

Salientamos em nosso primeiro capítulo, a importância da teologia da cruz para o âmbito reflexivo e existencial. Como pudemos analisar, Moltmann soube perscrutar os acontecimentos de sua vida segundo o Crucificado. Desse modo, a cruz de Cristo está unida a nossa cruz, de modo que nossos sofrimentos não mais distam de Deus, mas encontra em Deus, total proximidade e acolhida. Não obstante, encontramos na teologia bíblica abordagens para o tema do sofrimento. Desse modo, podemos no livro de Jó este tema.

Jó experimenta o nada da sua existência e assim, padece. Jó era um homem íntegro, justo aos olhos de Deus²⁰⁶. No entanto, será que diante do despojo de seus bens, Jó continuaria

²⁰⁴ ALMEIDA, E. F. *Do viver apático ao viver simpático. Sofrimento e morte*. Loyola, São Paulo, 2006, p. 166.

²⁰⁵ Moltmann, em *O Deus crucificado* (1975), após delinear acerca de sua teologia acerca do Crucificado, desenvolve um diálogo com a psicanálise de Sigmund Freud. Para o teólogo a teologia do Deus crucificado apresenta consequências para a antropologia. O teólogo através de sua perspectiva teológica busca traçar caminhos de libertação para o homem. Assim, delinea uma hermenêutica psicológica da Palavra da cruz (Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 355-356).

²⁰⁶ Cf. Jó 1, 8.

a bendizer a Deus? O discurso de cada um dos amigos de Jó, deflagra a concepção do Deus da Revelação de sua época²⁰⁷. O Deus da Revelação é um legislador e um juiz. O homem que não obedece às suas leis lhe é imposto o castigo²⁰⁸. Essa imagem turva de Deus, segue uma linha de justiça e benção, e de injustiça-castigo²⁰⁹. Jó, no entanto, contesta essa concepção de Deus, pois ao olhar para sua vida justa, não encontra motivos que justificasse a punição do sofrimento, e diante de sua luta existencial, revela uma nova dimensão teológica-existencial ao dizer: “Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra”²¹⁰. Desse modo:

Do meio das cinzas, onde Jó vive um retiro de profundo sofrimento, brota a resposta da fé autêntica. Se por um lado o Deus da doutrina da retribuição está agonizando, por outro lado está nascendo outra forma de fé. Para Jó, o seu Redentor está de pé e vai resgatá-lo do Sheol. [...] Chegou-se ao clímax do livro de Jó. Deus passa de vingador para redentor, dependendo da experiência humana. Jó, que até esse momento estava certo de que Deus o perseguia e queria destruir sua vida, espera que ele seja o seu redentor, porque seus filhos estão mortos e seus parentes o abandonaram. Só resta ao pobre Jó confiar em YHWH. Com isso, Jó declara que o próprio Deus será seu resgatador, que ele restaurará a sua vida e defenderá a sua honra. Mas, apesar dessa profissão de fé, Jó ainda continua longe da verdade sobre o Deus-vivo²¹¹.

De maneira ilustrativa, podemos considerar a ideia de sofrimento do inocente presente no livro do profeta Isaías (deutero-isaías), que se atrela à figura do servo sofredor.²¹² Seja como for, o tema do sofrimento presente nos cânticos de Isaías, indicam uma superação da figura messiânica davídica. O Messias²¹³ não será mais um príncipe, mas sua messianidade será

²⁰⁷ Na opinião dos amigos de Jó, se expressa uma consciência moral de ordem objetiva que exige uma pena. Para os amigos de Jó, o sofrimento é um castigo pelo pecado cometido contra a ordem de Deus (Cf. *SD*, n. 10).

²⁰⁸ Segundo Silva, tudo acontece sob o olhar divino, pois é Deus quem retribui ao homem antes de sua morte, não permitindo que ele prospere. O pecador merece a punição e o justo, a benção. Tal doutrina, que associa o sofrimento ao pecado, é refletida em várias passagens da Bíblia e no livro de Jó, é apresentada e meditada na prosa, e discutida sobremaneira no debate entre Jó e seus amigos (Cf. SILVA, W. L da. *O Livro de Jó e suas Questões Internas* in *Revista Atualidade teológica*, Ano XVI nº 41, PUC-Rio. 2012, p. 326).

²⁰⁹ Segundo Andrade, essa chave de leitura é limitada e representa uma visão mecanicista entre Deus e o homem. Se supõe que as ações humanas desencadeiam uma reação de Deus para a felicidade e infelicidade do homem. O futuro do homem, dependeria de sua submissão a essa ordem a qual nem Deus pode fugir (Cf. ANDRADE, A. L. P. de. *A teologia e o sofrimento no contexto pós-moderno: pistas para o aconselhamento pastoral*. Estudos teológicos 56.2 (2016), p. 324).

²¹⁰ Jó 19, 25.

²¹¹ SILVA, W. L da. *O Livro de Jó e suas Questões Internas* in *Revista Atualidade teológica*, Ano XVI nº 41, PUC-Rio. 2012, p. 333.

²¹² Segundo Leite, a origem do servo sofredor é discutível. Pode ser uma edição posterior ou um conjunto de profecias de Isaías reutilizadas no contexto do exílio da Babilônia. Leite ainda ressalta que a figura do servo pode se referir a dois contextos. Primeiro, ao povo que sofria no exílio, o que indicava a predileção da nação Israel diante de outros povos. E segundo, pode se relacionar a figura história do rei Ezequias que fora acometido por grave enfermidade. A partir dessa doença, discute-se também uma possível teologia da retribuição (Cf. LEITE, F. B. *O sofrimento do “escravo” de Yahweh*. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. PUC-SP, 2020, p. 84).

²¹³ Segundo Leite, a referência “messias”, “ungido”, não ligam a uma realidade prospectiva, ou seja, escatológica, mas trata de aspectos do passado e presente vividos na história de Israel. O tema do sofrimento, é um elemento

profética²¹⁴. Sobre essa perspectiva profética, ressalta Lothar Ruppert: “Espantosa é a paciência do Servo em seu sofrimento de oprimido e perseguido a culminar no martírio, conforme Is 53. Eis o que daí resulta: Trata-se do sofrimento de um mediador-salvador (profético), como que de uma provação que faz parte do cargo de mediador, portanto não é o sofrimento de um justo individual”²¹⁵. O servo de Deus de Isaías sofre pelos outros²¹⁶. Segundo Barros, é preciso compreender que o sofrimento do servo foi um instrumental, ou seja, seus sofrimentos foram por nós e pelos nossos pecados²¹⁷. Desse modo, Deus não o fez sofrer, mas fomos nós mesmos²¹⁸:

Além de livrar os outros da punição, o sofrimento vicário do Servo é suportado para a salvação dos outros. Seu sofrimento é causa eficiente de salvação dos outros. Eis o que dizem seus locutores: “A punição, salutar para nós, foi infligida a ele, e as suas chagas nos curaram”. Que vem a ser a salvação? Esta salvação (*salôm*) é o estado daquela integridade incólume resultante da satisfação que abrange o homem todo em todos os âmbitos de sua vida (por isso *salôm* como “paz”) ... e se reduz em última análise à sua participação com Deus. Portanto, objetivamente, pode-se designar o sofrimento do Servo como serviço de reconciliação²¹⁹.

Essa perspectiva de sofrimento do servo de Yahweh, se torna chave de leitura²²⁰ para a interpretação sacrificial da morte²²¹ de Jesus, sobretudo para o cristianismo antigo²²² Acerca do tema da dor presente nos Evangelhos, José González-Faus, salienta que na estruturação literária feita pelo evangelista Marcos: “Primeiro uma série de encontros com a enfermidade e a possessão (1, 21-45), no último dos quais Jesus reage comovido (1, 41). Em continuação segue

constituente do eleito por Yahweh (Cf. LEITE, F. B. *O sofrimento do “escravo” de Yahweh. Revista Eletrônica Espaço Teológico*. PUC-SP, 2020, p. 89).

²¹⁴ Cf. BARROS, M. *Hino de resistência do povo excluído: uma leitura latino-americana do 4º Cântico do Servo Sofredor. Estudos Bíblicos*. V. 28 N. 105. 2022, p. 33.

²¹⁵ RUPPERT, L. *O servo de Deus sofredor in Revista Concillium* 119, *Sufrimento e fé cristã*. Vozes, 1976, p. 49.

²¹⁶ “Mas ele tomou sobre si a culpa de muitos, e intercedeu pelos malfeitores” (Is 53, 12).

²¹⁷ Cf. Rm 4,25.

²¹⁸ Cf. BARROS, M. *Hino de resistência do povo excluído: uma leitura latino-americana do 4º Cântico do Servo Sofredor. Estudos Bíblicos*. V. 28 N. 105. 2022, p. 38.

²¹⁹ RUPPERT, L. *O servo de Deus sofredor in Revista Concillium* 119, *Sufrimento e fé cristã*. Vozes, 1976, p. 50.

²²⁰ Segundo Westermann, a história da paixão e morte de Jesus prende-se diretamente aos hinos sobre o Servo de Yahweh. A identidade do Servo ainda se revelara nos cânticos de Isaías. Os Evangelhos ao narrarem a paixão, conduzem ao desfecho essa história que irrompeu com as queixas de Jeremias, que estão cronologicamente próximas dos hinos do profeta Isaías. A atuação do Servo de Yahweh, assim como em Jesus, é vicária. (Cf. WESTERMAN, C. *O clamor dos oprimidos in Revista Concillium* 119 – *Sufrimento e fé cristã*. 1979, p. 64).

²²¹ Neste aspecto de morte sacrificial, Izidoro salienta o aspecto da cruz como matriz hermenêutica dos sofrimentos de Jesus. A cristologia germinal do cristianismo primitivo afirma-se a fé pascal, mas evoca as experiências pré-pascuais com Jesus. Na perspectiva de que Jesus assume a figura do Servo sofredor de Isaías, não há referência há um título cristológico, e sim, de uma própria vivência histórica. Desse modo, salienta Izidoro, a concepção de que o Messias devia sofrer se liga necessariamente com a fé pascal, do Cristo ressuscitado (Cf. IZIDORO, J. L. *A tradição do servo sofredor de Isaías 52,13–53,12 em Jesus de Nazaré*. Estudos Bíblicos, São Paulo, v. 26, n. 99, p. 23–34, 2021. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/526>. Acesso em: 2 abril. 2022, p. 30).

²²² BARROS, M. *Hino de resistência do povo excluído: uma leitura latino-americana do 4º Cântico do Servo Sofredor. Estudos Bíblicos*. v. 28 n. 105. 2022, p. 35.

uma série de conflitos (2, 1-3,6), no último dos quais Jesus reage entristecido pela dureza de coração (3,5)”²²³. Jesus então, a modo do Servo de Isaías, é a figura do homem sofredor do Novo Testamento²²⁴. Jesus se solidariza, se abrindo ao mistério da dor dos outros, em duplo aspecto: aos espoliados de sua época e aos de duro coração²²⁵. Seu sofrimento é vicário assim como o Servo Sofredor de Isaías:

O que significa esta dupla reação de Jesus é o fato de ter-se produzido de dentro a situação com que defrontou: identificando-se solidariamente com essa mesma evidência, tão nossa, pela qual o homem sofredor sente sua própria dor como dor de todo o mundo, como o radicalmente intolerável. De modo que a possessão diabólica como definição transcendental de todas as escravidões predicamentais do homem, ou a enfermidade como expressão descritiva do gemido ontológico da criatura humana, ou a dureza de criar um abismo entre a experiência do homem – com a aposta em seu favor – *a partir do Pai* e a experiência *real* dos homens concretos. Este dilaceramento é possível, segundo o que foi dito, porque a causa do outro se torna a cada momento para Jesus, a partir da vivência prazerosa do *Abba*, sua própria causa. E só a partir daqui pode ser medido²²⁶.

Como já havíamos salientando a partir da teologia de Moltmann, Deus revela-se solidário em Jesus. Uma das consequências da dor de Jesus e a dor do mundo, é que a aceitação da dor e o padecimento de Jesus não são elementos que levam a um fechamento em si mesmo, mas uma abertura ao outro e deste modo: “O que se chama de ‘aceitação cristã da dor’ talvez não possa significar mais do que isto: aceitar que a própria subjetividade não é o centro ou a chave de interpretação do mundo e, assim fazendo, começar a ‘existir para’”²²⁷. Outra consequência da morte de Jesus é o seu aspecto redentor, que é discutido por Barros. Para ele, quando se aborda a morte de Jesus num aspecto redentor, afirma-se uma espiral de violência, ou seja, através da legitimação dos instrumentos. Essa visão de Deus, segundo Barros, deve ser superada, já que Deus não liberta legitimando os instrumentos da escravidão ou da visão opressora²²⁸.

²²³ GONZALÉZ-FAUS, J. *Jesus: A figura de homem sofredor* in *Revista Concillium* 119, *Sofrimento e fé cristã*. Vozes, 1976, p. 70.

²²⁴ Segundo Izidoro, há plausibilidade das interpretações pós-pascuais de Jesus Cristo como Servo de Yahweh, porém com as devidas ressalvas. A ressalva está no fato de que o judaísmo do tempo de Jesus, ainda não correlacionara a noção de Messias e um necessário sofrimento expiatório. No ambiente plural no qual judaísmo, helenismo e cristianismo compunham os principais substratos epistemológicos no âmbito religioso, Izidoro afirma uma possível assimilação da concepção do Servo da Iahweh ao cristianismo emergente (Cf. IZIDORO, J. L. A tradição do servo sofredor de Isaías 52,13–53,12 em Jesus de Nazaré. *Estudos Bíblicos*, São Paulo, v. 26, n. 99, p. 23–34, 2021. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/526>. Acesso em: 2 abril. 2022, p. 32-33).

²²⁵ Cf. GONZALÉZ-FAUS, J. *Jesus: A figura de homem sofredor* in *Revista Concillium* 119, *Sofrimento e fé cristã*. Vozes, 1976, p. 70.

²²⁶ Idem, p. 71.

²²⁷ Idem, p. 74.

²²⁸ Cf. BARROS, M. *Hino de resistência do povo excluído: uma leitura latino-americana do 4º Cântico do Servo Sofredor*. *Estudos Bíblicos*. V. 28 N. 105. 2022, p. 40-41.

No cristianismo nascente, a Igreja se configurou fortemente através do testemunho dos mártires. É notório o aspecto de solidariedade neste caso, pelo qual, o mártir imbuído da convicção de sua fé, entrega a sua vida em testemunho para o Evangelho, tema que, como vimos é caro para Moltmann²²⁹. Segundo Vila-Chã, a condição mais nuclear para aquele que se julga discípulo de Jesus é o caminho que se delineia através do sofrimento e da cruz, sendo através destes que se desponta uma realidade nova e definitiva para a história dos homens.²³⁰ Há uma identificação entre discípulo e o Mestre-Jesus, que leva o testemunho da fé até as últimas consequências.

O sofrimento e a morte para os seguidores de Cristo, não representam um infortúnio como fim em si mesmo, mas é carregado de sentido heroico: “O mártir não se entregava à dor, mas a combatia; não se lamentava, mas se lançava à morte com um soldado se lançava sobre um inimigo em campo de batalha”²³¹. Dessa identificação com o Cristo, depreende-se uma abertura do discípulo diante dos sofrimentos que a fé lhe outorga, e assim, quando se fala em sofrimento em quanto mal:

A resposta cristã neste ponto é diversa daquela que é dada por certas tradições culturais e religiosas, para as quais a existência é um mal de que é necessário libertar-se. O Cristianismo proclama que a existência é essencialmente um bem e o bem daquilo que existe; professa a bondade do Criador e proclama o bem das criaturas. O homem sofre por causa do mal, que é uma certa falta, limitação ou distorção do bem. Poder-se-ia dizer que o homem sofre por causa de um bem do qual não participa, do qual é, num certo sentido, excluído, ou do qual ele próprio se privou. Sofre em particular quando “deveria” ter participação num determinado bem — segundo a ordem normal das coisas — e não a tem²³².

O cristão sofre assim, por determinado bem, não porque outorga para si o sofrimento enquanto mal, mas enquanto participação nos mistérios de Deus. O cristianismo, nas palavras do papa João Paulo II, mesmo diante da dor proclama o bem da existência humana, já que pelo aspecto escatológico, todo sofrimento histórico humano, é superado em parcialidade²³³. Desse modo, o mártir é também aquele que compreendeu a solidariedade salvífica de Jesus e que por isso mesmo põe em prática uma solidariedade para com o Reino²³⁴. O mártir então, sofre com

²²⁹ Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 372.

²³⁰ Cf. VILA-CHÃ, J. J. *Igreja de mártires o martírio como símbolo e condição do ser-cristão Revista lusófona de ciência das religiões – ano VIII, 2009 / n. 15, p. 28.*

²³¹ GONÇALVES, A. T. M. *A morte do mártir cristão como uma morte heroica: Repensando algumas Homilias de Basílio de Cesaréia. Revista Diálogos Mediterrânicos n. 5, 2013, p. 25.*

²³² SD, n. 8.

²³³ A nova realidade escatológica do cristianismo aberta pelo horizonte da fé fomenta, para o papa, um redimensionamento da perspectiva de sofrimento do homem, que é vista segundo a glorificação de Cristo (Cf. SD, n. 22).

²³⁴ Segundo Kamati, o mártir é aquele que sem medo nem reserva, dá testemunho de Cristo, morto e ressuscitado, se unindo a Ele na caridade. É aquele que heroicamente testemunha a verdade de sua fé e da doutrina cristã. Por

Cristo²³⁵. Por isso, faz sentido para todo cristão, dizer como o apóstolo: estou crucificado com Cristo²³⁶. Acerca da identificação entre o apóstolo e Cristo, diz o papa: “E se ele amou assim, sofrendo e morrendo, então, com este seu sofrimento e morte, ele vive naquele a quem amou assim, vive no homem: em Paulo. E vivendo nele — à medida que o Apóstolo, consciente disso mediante a fé, responde com amor ao seu amor — Cristo torna-se também de um modo particular unido ao homem, a Paulo, através da Cruz”²³⁷. Entre a paixão de Cristo e os sofrimentos de seus seguidores, há então, uma íntima relação²³⁸.

3.2 O aconselhamento pastoral em situações de sofrimento em *Salvifici Doloris*

A busca do homem para o sentido de seu sofrimento, solicita certa maturidade humana, que pode ser adquirida pela fé. Por isso, o aconselhamento pastoral²³⁹ se coloca como aporte para a maturidade da fé. Neste sentido, seguindo a perspectiva teológica de Moltmann acerca da solidariedade do homem para com Deus, é preciso pontuar algumas pistas para o aconselhamento pastoral, presente sobretudo nas asserções de João Paulo II.

João Paulo II (1920-2005), em seu pontificado identificou a importância da maturidade humana diante do sofrimento: “O sofrimento constitui também um chamamento a manifestar a grandeza moral do homem, a sua maturidade espiritual”²⁴⁰. Neste sentido, o serviço da Igreja ao longo dos séculos sempre se pautou pela missão de anunciar e instaurar o Reino de Cristo²⁴¹, de modo que: “O serviço da Igreja deve-se dirigir, ou seja, centralizar-se na pessoa humana,

isso, o mártir é capaz de suportar até a morte por um ato de fidelidade a Jesus Cristo (KAMATI, A. T. *O sentido do sofrimento humano: à luz da carta apostólica «Salvifici Doloris»*. Diss. 2014, p. 97).

²³⁵ Cf. VILA-CHÃ, J. J. *Igreja de mártires o martírio como símbolo e condição do ser-cristão* in *Revista lusófona de ciência das religiões* – ano VIII, 2009 / n. 15, p. 31.

²³⁶ Segundo Eloy e Silva, a união mística do apóstolo com Cristo, não se identifica com as concepções helenistas das religiões místicas em que o sujeito tornava-se uma só coisa com a divindade, mas que Cristo passa a ser expressão da sua identidade existencial (ELOY, L. H; SILVA. *Com Cristo estou crucificado” (Gl 2,19b) Novidade semântica e hermenêutica de um lexema e consciência mística do apóstolo Paulo* in *ATEo*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 67-85, jan./abr.2017, p. 81).

²³⁷ *SD*, 22.

²³⁸ Segundo Eloy e Silva, no *corpus paulinum*, há uma correspondência entre o termo sofrimento e paixão, que aparecem 7 vezes, em 1Cor 12,26; 2Cor 1,6; Gl 3,4; Fl 1,29; 1Ts 2,14; 2Ts 1,5; 2Tm 1,12. Nos seis primeiros versículos, o verbo refere-se ao sofrimento do cristão em geral enquanto membro da comunidade eclesial, corpo de Cristo, o que de alguma forma significa sofrer por Cristo (cf. Fl 1,29). Em 2Tm 1,12, é que Paulo claramente, fala dos sofrimentos em primeira pessoa singular associando-os a Cristo, em quem depositou sua fé (ELOY, L. H; SILVA. *Com Cristo estou crucificado” (Gl 2,19b) Novidade semântica e hermenêutica de um lexema e consciência mística do apóstolo Paulo*. *ATEo*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 67-85, jan./abr.2017, p. 78).

²³⁹ Martins, ao se referir ao termo pastoral, evoca a figura do pastor de ovelhas. O pastor é aquele que acompanha, que cria uma relação de proximidade com suas ovelhas. As pastorais, neste sentido, são os meios para a Igreja continuar a missão de Cristo na história (Cf. MARTINS, A. A. *A Pastoral da Saúde e sua importância no mundo da saúde: da presença solidária ao transcender a dor e o sofrimento* in *O Mundo da Saúde* 34.4 (2010), p. 548).

²⁴⁰ *SD*, n. 22.

²⁴¹ Cf. *LG*, n. 5.

porque quanto mais for antropocêntrico tanto mais se deve confirmar e realizar de modo teocêntrico, isto é, orientar-se partindo de Jesus Cristo em direção ao Pai”²⁴². Esse serviço, subjaz de uma reflexão teológica consistente, que se conjugue efetivamente com contexto de sofrimento humano:

Portanto a teologia só poderá oferecer uma reflexão consistente para a prática do aconselhamento pastoral se estiver voltada para os fundamentos de si mesma, a saber, de uma leitura acurada das sagradas Escrituras, onde se mostra, de modo privilegiado, a relação entre Deus e o ser humano. E se quiser fazer sentido para os sofredores de hoje, a reflexão teológica deve ter, igualmente, um olhar atento direcionado ao contexto atual²⁴³.

A teologia que faz esse caminho de reflexão, acaba por apresentar um sentido para o sofrimento do homem. Diante do sofrimento, disse o apóstolo: “Alegro-me nos sofrimentos suportado por vossa causa, e completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja”²⁴⁴.

É nessa perspectiva que o Papa aborda a alegria do apóstolo Paulo que se regozija diante do sofrimento que encontra em Jesus o seu motivo de ser, que deve estar presente na comunidade terapêutica: “O apóstolo comunica a sua própria descoberta e alegra-se por todos aqueles a quem ela pode servir de ajuda — como o ajudou a ele — para penetrar no sentido salvífico do sofrimento”²⁴⁵. O ritual romano correlaciona o sentido do sofrimento no mistério da salvação: Mais ainda, Cristo é crucificado e sofre nos membros configurados com Ele, quando nós suportamos tribulações.

Estes sofrimentos, no entanto, tornam-se leves e momentâneos, comparados com o grau de glória eterna que em nós produzem”²⁴⁶. Diante de todo sofrimento, deve brotar a alegria da fé. Alegria que significa confiança em Deus²⁴⁷. De um modo mais profundo, o Papa correlaciona o sentido do sofrimento e a reposta cristã:

No fundo de cada sofrimento experimentado pelo homem, como também na base de todo o mundo dos sofrimentos, aparece inevitavelmente a pergunta: porquê? É uma pergunta acerca da causa, da razão e também acerca da finalidade (para quê?); trata-

²⁴² KAMATI, A. T. O sentido do sofrimento humano: à luz da carta apostólica «Salvifici Doloris» (Doctoral dissertation), 2014, p. 86.

²⁴³ ANDRADE, A. L. P. de. *A teologia e o sofrimento no contexto pós-moderno: pistas para o aconselhamento pastoral*. Estudos teológicos 56.2 (2016), p. 323.

²⁴⁴ Col 1, 24.

²⁴⁵ SD, n. 1.

²⁴⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Ritual da unção dos enfermos. São Paulo: Loyola, 2000, p. 17.

²⁴⁷ O Papa Francisco em *Evangelii Gaudium* ressalta o aspecto da alegria para o discipulado. Alegria que brota do Evangelho, da salvação de Deus. Por isso, as realidades são transformadas pela alegria salvíficas comunicadas por Deus. (Cf. EG, n. 2-5).

se sempre, afinal, de uma pergunta acerca do sentido. Esta não só acompanha o sofrimento humano, mas parece até determinar o seu conteúdo humano, o que faz com que o sofrimento seja propriamente sofrimento humano²⁴⁸.

O aconselhamento pastoral busca então, se configurar em direção da maturidade da fé. No entanto, a preocupação em nossos trabalhos pastorais, é de como configurar uma pastoral que de fato fomente os subsídios necessários, tanto na dimensão teológica, quanto antropológica para a maturidade diante do sofrimento.

Na carta apostólica *Salvifici Doloris*, João Paulo II, aponta para a figura do “bom samaritano” como modelo de apostolado a ser seguido pela Igreja diante do sofrimento alheio. Não obstante, quando evocamos o aconselhamento pastoral, podemos cair no risco de pensar em um plano de ação singular. No entanto, para Daniela Borja Bessa, no aconselhamento pastoral na pós-modernidade, a comunidade tem papel fundamental: “Aconselhar, na pós-modernidade, significa assumir-se como comunidade terapêutica, que é aquela que promove cura, saúde ou bem-estar, que está a serviço de outros, sem com que se atenha à lógica maniqueísta de libertação de demônios”²⁴⁹.

Identifica-se assim, a Igreja como corpo místico de Cristo, que se alimenta através dos sacramentos do próprio Cristo. Desse modo, a Igreja que não é mera instituição social, mas animada mistericamente²⁵⁰ pelo Espírito de Deus, tem a capacidade, à imagem do bom samaritano, de tratar os males que causados pelo sofrimento. Para isso, é necessário um olhar que se oriente para o próximo.

Para ter um olhar voltado para o próximo, a parábola do bom samaritano, evoca a empatia a ser cultivada no coração de cada cristão: “Bom Samaritano é todo o homem sensível ao sofrimento de outrem, o homem que se comove diante da desgraça do próximo. Se Cristo, conhecedor do íntimo do homem, põe em realce esta comoção, quer dizer que ela é importante para todo o nosso modo de comportar-nos diante do sofrimento de outrem”²⁵¹.

É preciso que a comunidade terapêutica se sensibilize diante do sofrimento alheio, que buque num primeiro momento, uma cultura do encontro²⁵². A comunidade assim, exprime sua compaixão diante do sofrimento do outro e fomenta caminhos para a libertação do sofrimento²⁵³. Este é o primeiro elemento de destaque para um aconselhamento pastoral, que pautando-se pela via da solidariedade, atenta para o sofrimento do próximo.

²⁴⁸ SD, n. 9.

²⁴⁹ BESSA, D. B. *Aconselhamento pastoral: desafio para a igreja local* in *Via Teológica* 14.28, 2013, p. 70.

²⁵⁰ Cf. LG, n. 8.

²⁵¹ SD, n. 28.

²⁵² Cf. EG, n. 220.

²⁵³ Cf. HOCH, L. C. *Aconselhamento Pastoral e Libertação. Estudos Teológicos*, V. 29, N. 1, 1989, p. 17.

O aconselhamento pastoral, desse modo: “[...] consiste em atentar para as necessidades psico-emotivas, espirituais, físicas e de inter-relacionamento pessoal que resultam de situações cruciais como pobreza, doença e morte ou de crises que assolam pessoas ao longo da vida, tais como a velhice, o relacionamento familiar e outras”²⁵⁴.

Essa perspectiva de atenção aos que sofrem, é decorrente do Concílio Vaticano II, que configurou um novo paradigma no âmbito pastoral. Sobre essas pastorais, diz Lothar Carlos Hoch: “Essas pastorais são tentativas orientadas pela prática que visam estender a ação da Igreja a diferentes grupos humanos ou a realidades conflitivas específicas. Dentre essas pastorais, as que se situam mais próximas ao Aconselhamento Pastoral são a ‘Pastoral do Idoso’, a ‘Pastoral da Família’ e, particularmente, a ‘Pastoral da Saúde’”²⁵⁵.

Não obstante, a pastoral da saúde se caracteriza, segundo o CELAM (Conferência Episcopal da América Latina e do Caribe), por ser uma ação evangelizadora de todo povo de Deus que se compromete em cuidar, defender e celebrar a vida. Por isso: “Uma das missões da Pastoral da Saúde é o cuidado com os doentes na sua dimensão espiritual, um cuidado que vem complementar o trabalho dos profissionais da saúde, que se detêm mais na dimensão biológica e, no caso dos psicólogos, na psicológica”²⁵⁶.

Destarte, é através do aconselhamento pastoral, que a Igreja fomenta a sua prática pastoral. Desse modo, deve buscar sempre a sua configuração em Jesus. Neste posto, destacamos o elemento da solidariedade que deve perpassar tudo aquilo que se define por aconselhamento pastoral. Imiscuídos dos valores evangélicos, a pastoral da saúde e todo o ser Igreja revelam de modo autêntico a mesma solidariedade presente de Jesus diante do sofrimento humano.

3.3 A aplicação da teologia da esperança de Jürgen Moltmann na pastoral da saúde

A visitação aos doentes, é mandato evangélico²⁵⁷, uma visita que busca fazer conhecido Jesus²⁵⁸. É preciso que a pastoral da saúde auxilia a superação da dor. Mas para que a pastoral da saúde se estruture, é preciso sobretudo, definir patentemente o que de fato signifique saúde. Segundo Almeida, Moltmann se coloca contra a definição de saúde da OMS, pois para o

²⁵⁴ HOCH, L. C. *Aconselhamento Pastoral e Libertação. Estudos Teológicos*, v. 29, n. 1, 1989, p. 18.

²⁵⁵ Idem, p. 20.

²⁵⁶ MARTINS, A. A. *A Pastoral da Saúde e sua importância no mundo da saúde: da presença solidária ao transcender a dor e o sofrimento* in *O Mundo da Saúde* 34.4. 2010, p. 549.

²⁵⁷ Cf. Mt, 25, 36.

²⁵⁸ Cf. MAYER-SCHEU, J. *Pastoral dos enfermos nos hospitais – ensaio de orientação nova* in *Revista Concilium*, 119 – *Sofrimento e fé cristã*, 1976, p. 103).

teólogo, representa um ideal inatingível. A correta definição para a saúde, seria então, não a ausência de dor e de transtorno, mas a força para viver com eles²⁵⁹. Ao refletirmos acerca dessa mudança de olhar proposta por Moltmann, assumimos a dimensão transcendental do homem, que se sobrepõe até mesmo diante das dores que lhe abatem. Há motivos para lutar, para sair da dor, pois o debilitado não limita o seu ser a dor, mas como homem, criado à imagem e semelhança de Deus, é um ser que é mais do que a dor e sofrimento:

O aconselhamento pastoral deve favorecer uma anamnese para que a pessoa que está sofrendo traga à memória a ação divina em diversas situações de sua vida, para que no momento da crise existencial se possam encontrar, na recordação do passado, os momentos de graça e de conversão que lhe deem forças para continuar sendo fiel. O sofrimento também é perpassado pela graça, pois Deus mesmo é solidário com as vítimas, já que Cristo vivenciou concretamente essa realidade, como tão bem nos apresenta o hino da *kénosis* na Carta aos Filipenses²⁶⁰.

Justamente por isso, que diante da realidade de morte e dor, a pastoral da saúde não pode se utilizar de um discurso apologético, atrelando o sofrer com a culpabilidade do pecado, por exemplo. Almeida neste sentido, lança a pergunta: o sofrimento seria o salário do pecado? Sua resposta, baseada na teologia de Jürgen Moltmann diz claramente: “[...] Jesus morre em solidariedade com toda a criação que geme porque está sujeita à transitoriedade, à mudança, à contingência. A morte de todo ser vivente não é consequência do pecado, nem natural, mas um destino ao qual está sujeito tudo que vive, e por isso também um estímulo para o anseio da redenção cósmica”²⁶¹. Nesse sentido, as diretrizes da pastoral da saúde, salientam a importância da ajuda solidária e fraterna, que forneça subsídios capazes de fazer do assistido, agente do seu processo de decisão quanto ao seu tratamento de saúde²⁶². Por isso, a pastoral da saúde deve se orientar pelo amor que Jesus revelou aos homens, um amor que dialoga²⁶³:

Por outro lado, quanto mais o/a agente de pastoral tentar descer de sua condição privilegiada, tanto mais ele ou ela se aperceberá da impossibilidade de uma identificação total com o sofrimento do pobre. Será necessário reconhecer que o academismo teológico e intelectual é insuficiente. Mais até: o/a agente precisa morrer no seu saber poimênico antecedente e estar disposto à troca de saberes com aqueles junto aos quais pretende atuar²⁶⁴.

²⁵⁹ Cf. ALMEIDA, E. F. *Do viver apático ao viver simpático. Sofrimento e morte*. Loyola, São Paulo, 2006, p. 175.

²⁶⁰ ANDRADE, A. L. P. *A teologia e o sofrimento no contexto pós-moderno:: pistas para o aconselhamento pastoral*. Estudos teológicos 56.2 (2016), p. 327.

²⁶¹ ALMEIDA, E. F. *Do viver apático ao viver simpático. Sofrimento e morte*. Loyola, São Paulo, 2006, p. 158.

²⁶² Cf. DIRETRIZES DE AÇÃO DA PASTORAL DA SAÚDE – CNBB. 1997, p. 9.

²⁶³ Cf. MAYER-SCHEU, J. *Pastoral dos enfermos nos hospitais – ensaio de orientação nova*. Revista Concilium, 119 – Sofrimento e fé cristã, 1976, p. 105.

²⁶⁴ HOCH, L. C. *Aconselhamento Pastoral e Libertação*. Estudos Teológicos, V. 29, N. 1, 1989, p. 30.

Este “descer da condição privilegiada”, que orienta a práxis do agente da pastoral da saúde em direção ao outro que sofre, só acontecerá ao passo que os valores evangélicos permearem a sua vida. Para que isso aconteça, é preciso que o agente reconheça que a pastoral é fruto de um carisma, um dom do Espírito Santo concedido lhe foi concedido para as necessidades da comunidade²⁶⁵. Faz sentido assim, as nossas asserções acerca de uma cristologia pneumatológica de Moltmann, que une a ação de Jesus no Espírito²⁶⁶. O Espírito, segundo o teólogo, insere na vida de fé, uma nova perspectiva existencial, orientando cada cristão a se colocar à serviço da comunidade²⁶⁷.

Quando cada cristão vive uma espiritualidade do corpo e da comunhão no Espírito, segundo Moltmann, ele realiza a esperança da ressurreição e faz-nos: “[...] com que experimentemos um novo despertar e jorrar para a vida. Não é mais Espírito que faz a alma querer se libertar do corpo e viver andando em busca do céu, mas sim um homem e uma mulher que vislumbra a nova criação de todas as coisas. Passamos a olhar o mundo com os olhos da esperança do novo nascimento de todas as coisas”²⁶⁸.

Cada cristão dessa forma, recebe forças carismáticas da vida²⁶⁹. Moltmann salienta que o cristão recebe do Espírito um novo olhar para a realidade, vê a vida com outros olhos. No ministério de Jesus há curas de nossas enfermidades. Sobre o tema da cura, nosso teólogo diz: “A cura consiste no restabelecimento da comunhão destruída e na partilha da vida. [...] São restauradas as relações sociais conturbada que deixavam a pessoa doente. Jesus cura enfermos por meio do restabelecimento de sua comunhão com Deus e lhes comunica, por palavras e pelo contato físico, a força vital da comunhão com Deus”²⁷⁰. A cura, como podemos ver acontece no âmbito social, pois na comunidade dos fiéis, não há necessitamos²⁷¹, pois há o espírito de solidariedade que fomenta a partilha. O agente da pastoral da saúde, oferece em seu ministério desse modo, o dom de si mesmo diante do outro.

O Papa Francisco, no dia mundial dos doentes evoca a acolhida de Deus-Pai presente nos encontros de Jesus com os de sua época, curando as doenças e enfermidades²⁷². É preciso

²⁶⁵ Cf. LG, n. 12.

²⁶⁶ VELIQ, F. *A pneumatologia hermenêutica de Jürgen Moltmann* in *Revista Caminhos*. Goiânia, v. 17, n. 1, p. 245-258, jan./jun. 2019, p. 256.

²⁶⁷ Cf. 1 Ped. 4, 10.

²⁶⁸ VELIQ, F. *A pneumatologia hermenêutica de Jürgen Moltmann* in *Revista Caminhos*. Goiânia, v. 17, n. 1, p. 245-258, jan./jun. 2019, p. 249.

²⁶⁹ Cf. MOLTSMANN, J. *A fonte da vida. O Espírito Santo e a teologia da vida*. Loyola, São Paulo, 2002, p. 63-64.

²⁷⁰ MOLTSMANN, J. *A fonte da vida. O Espírito Santo e a teologia da vida*. Loyola, São Paulo, 2002, p. 72.

²⁷¹ Cf. Atos 2,37-47.

²⁷² Cf. Mt 4, 23.

desse modo, identificar a nossa missão com a missão de Jesus. Àqueles que realizam um trabalho junto aos doentes, o papa sublinha que tocam a carne sofredora de Cristo. O consolo e a proximidade aos doentes fazem com que estes se sintam mais importantes que a sua doença, e por isso, diz o papa: “O doente é sempre mais importante do que a sua doença, e por isso qualquer abordagem terapêutica não pode prescindir da escuta do paciente, da sua história, das suas ansiedades, dos seus medos”²⁷³.

Segundo Moltmann, o sofrimento de Deus é ativo. É um amor apaixonado que exige que Deus se coloque em relação aos outros²⁷⁴. Em compreensão com o Papa Francisco, Moltmann estabelece em sua teologia uma ponte para o próximo que sofre., destacando o aspecto da esperança: “A missão está ao serviço do despertar de uma esperança viva, ativa e apaixonada pelo Reino de Deus, o qual vem ao mundo para transformá-lo. Toda a Cristandade é chamada ao apostolado da esperança em favor do mundo e nele encontra a sua essência, isto é, aquilo que a torna comunidade de Deus”²⁷⁵.

Diante de situações limites²⁷⁶, pelas quais o homem se interroga, o mesmo se reconhece como ser de transcendência²⁷⁷. A cruz de Cristo, assim, se apresenta ao homem como caminho para sua transcendência. Desse modo, urge a importância de um aconselhamento, uma assistência que fomente a proximidade de diversas situações humanas de sofrimento e Deus, de modo que: “O aconselhamento pastoral tem como função específica auxiliar as pessoas na intensificação de suas relações com Deus”²⁷⁸. O aconselhamento, neste sentido busca a cura do enfermo, que ao traduzir os elementos teológicos da paixão, morte e ressurreição Jesus, busca libertar o homem, e: “[...] quando vê o homem que é mentalmente enfermo na situação do Deus crucificado e busca sua cura e libertação na área livre, aberta a Deus”²⁷⁹.

²⁷³ FRANCISCO. *Mensagem para o XXX dia mundial do doente*, 11 de fevereiro, 2022, n. 3. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/20211210_30-giornata-malato.html>. Acesso em: 28 Abril 2022.

²⁷⁴ ALMEIDA, E. F. *Do viver apático ao viver simpático. Sofrimento e morte*. Loyola, São Paulo, 2006, p. 152.

²⁷⁵ MOLTMANN, J. *Teologia da esperança*. São Paulo, Herder, 1971, p. 393.

²⁷⁶ Haught, analisa que diante de experiências-limite colocam diante do homem perguntas acerca do sentido de sua vida. É apresentado ao homem um caminho que exige sua decisão e total confiança no mistério. Mistério esse que só pode ser acolhido se for de fato, experimentado. Este mistério é revelado em Jesus, caminho de acesso a Deus (Cf. HAUGHT, R. *Jesus, o símbolo de Deus*. Paulinas, 1998, p. 62-64).

²⁷⁷ O homem é um ser de transcendência, afirma Karl Rahner. Para este teólogo, apesar da finitude do sistema humano, o homem questiona tudo. Esse questionamento do homem denota sua abertura a tudo. Desse modo, o homem se manifesta como ser de horizonte infinito. Rahner diz que o homem pode até tentar fugir dessa terrível infinitude, mas sempre a experimentar. O homem é assim, ser de transcendência, aquele ente ao qual a infinitude indisponível se apresenta como mistério. Desse modo, o homem se torna pura abertura para este mistério (Cf. RAHNER, K. *Curso Fundamental da fé*. Paulus, São Paulo, 2015, p. 46-50).

²⁷⁸ ANDRADE, A. L. P. de. *A teologia e o sofrimento no contexto pós-moderno:: pistas para o aconselhamento pastoral*. Estudos teológicos 56.2 (2016), p. 322.

²⁷⁹ MOLTMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 357.

Para que essa libertação de perspectiva ocorra, Moltmann defende a proximidade entre teologia e psicanálise em sua obra *O Deus crucificado* (1972)²⁸⁰. Para o teólogo a crítica de Sigmund Freud à religião²⁸¹ é válida, pois ela acaba libertando o homem de uma distorção religiosa: “Em sua abordagem sobre Freud, Moltmann busca demonstrar que mesmo a crítica psicanalítica à religião é incapaz de fugir à realidade da promessa divina, ressaltando que o melhor curso apologético para uma tipologia religiosa equivalente seria não rejeitar Freud como um irreligioso [...]”²⁸².

A análise psicanalítica de Freud, levou à identificação de padrões neuróticos na religião²⁸³, justamente por repressão²⁸⁴ causada pela culpa: “Onde a ansiedade da culpa é reprimida, não importa qual seja a causa, e onde os homens fogem para rituais e ídolos, a fim de se livrarem do fardo da dor, o resultado é apatia, insensibilidade e a fixação da vida em repetições obsessivas”²⁸⁵. Moltmann critica esse aspecto do homem religioso, que segundo ele, denota uma imaturidade na fé:

Para Moltmann, a crucificação de Cristo representa o abandono de Deus ao sofrimento humano, e a compreensão desse abandono conduziria os indivíduos a se libertarem das distorções religiosas, tendo em vista essa solidariedade de Deus com a dor humana. Essa perspectiva seria o fundamento da maturidade cristã, de acordo com Moltmann, que acredita serem a crucificação e a ressurreição fundamentos sólidos para a busca de sentido tanto na história quanto na própria vida²⁸⁶.

Esse homem, para o teólogo, é imaturo²⁸⁷. A imaturidade leva a uma busca instintiva pelo prazer e apatia à dor. Não obstante, esse homem imaturo, cria para si ídolos, se

²⁸⁰ Cf. BERTOLDO, F. C. *A teologia da Cruz segundo Jürgen Moltmann E a teologia da prosperidade em debate in Revista Eletrônica Espaço Teológico*. 2018, p. 53-67.

²⁸¹ A religião para Freud atuava como obstáculo para a saúde psíquica do homem. A ciência iria então libertar o homem da religião e tomar seu lugar. Desse modo, o homem teria que saber lidar com suas frustrações sem projetar na religião a figura paterna (Cf. BERTOLDO, F. C. *A experiência trinitária de Jürgen Moltmann em diálogo com as duas primeiras fases da pesquisa do jesus histórico de Albert Schweitzer e Ernst Käsemann Azusa*: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 9, n.1. 2018, p. 201).

²⁸² BERTOLDO, F. C. *A experiência trinitária de Jürgen Moltmann em diálogo com as duas primeiras fases da pesquisa do jesus histórico de Albert Schweitzer e Ernst Käsemann Azusa*: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 9, n.1. 2018, p. 204.

²⁸³ Segundo Santos, como sonho, a religião, é definida como ilusão e tem a ver com a nostalgia do pai protetor. A religião então, tem a ver com o pai. Desse modo, Santo afirma que o complexo paterno é o polo unificador da interpretação freudiana do fato religioso (Cf. SANTOS, S. F. *A religião como ilusão em Freud*. Revista Analytica. São João Del Rei. 2018, p. 85).

²⁸⁴ Segundo Silva, o recalque ou repressão, é um mecanismo de defesa psicológica que busca afastar do consciente determinado conflito, e mantê-lo no inconsciente. O recalque pode ser de algum afeto, uma ideia ou apelo do instinto (Cf. VIDAL, P. E. V. *A máquina do psiquismo in Estudos de Psicologia*, n. 13(3). 2008, p. 263-273).

²⁸⁵ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 371.

²⁸⁶ BERTOLDO, F. C. *A teologia de Jürgen Moltmann e a psicanálise de Freud in Revista Caminhando* v. 23, n. 1. 2018, p. 202.

²⁸⁷ Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 370.

escravizando e necessitando deles para o seu equilíbrio²⁸⁸. Para essa superação, Moltmann salienta a aceitação da realidade²⁸⁹, que deve sobretudo compreender o *pathos* de Deus: “Como solução proposta por Moltmann, a maturidade deve passar pela compreensão do amor divino. Para ele, Deus é amor e, enquanto amor, ele não é um Deus insensível ao sofrimento humano. Enquanto amor, ele se adapta à sua criação e se entrega totalmente”²⁹⁰.

Com a compreensão do *pathos* de Deus, o homem rompe esses paradigmas e é capaz de se libertar: “De acordo com Moltmann, o homem que atinge a maturidade cristã torna-se a medida de si mesmo e um espelho da própria divindade. Deus torna-se prova subjetiva, necessária para conferir consistência à subjetividade humana. Dessa forma, a prova cosmológico-objetiva seria substituída por uma existencial-subjetiva”²⁹¹. Desse modo, conclui Moltmann:

As formações de padrões do recalque e dos ídolos e as leis da religião da ansiedade, podem não sofrer ou morrer, já que foram erguidos contra o sofrimento e a ansiedade. Devem ser onipotentes e eternos, pois servem para ajudar o homem impotente e mortal, aliviando sua ansiedade. Qualquer um que danifique os ídolos e as leis, danifica os bens mais sagrados daqueles que os adoram. Porém, o Deus crucificado renuncia a esses privilégios dos ídolos. Ele quebra o encanto do superego, o qual os homens colocam sobre ele, pois precisam dessa autoproteção. Ao humilhar-se e tornar-se carne, ele não aceita as leis desse mundo, mas toma o sofrimento, o homem ansioso em sua situação. Ao tornar-se fraco, impotente, vulnerável e mortal, ele liberta o homem da busca pelos ídolos poderosos e das compulsões protetoras, preparando-o para aceitar sua humildade, sua liberdade e sua mortalidade. Na situação do Deus humano, as formações de padrões de recalque se tornam desnecessárias. As limitações da apatia caem por terra. O homem pode se abrir ao sofrimento e amor. Em *sympatheia* com o *pathos* de Deus, ele se abre para aquilo que é estranho e novo²⁹².

Esse novo homem, maduro, que é guiado pela fé em Jesus Cristo, é capaz então de sofrer. Ele, se pautando pela solidariedade de Deus, quebra todos os paradigmas internos, suscitados pelo seu superego²⁹³, que se contrapõem à lógica de Deus em sua vida. Desse modo o homem sabe sofrer e amar em Deus, fazendo romper qualquer outra barreira que possa existir em sua resposta de fé à Deus²⁹⁴. Através da lógica do Deus que abraça o sofrimento, o homem

²⁸⁸ Cf. idem, p. 370.

²⁸⁹ Cf. idem, p.378.

²⁹⁰ BERTOLDO, F. C. *A experiência trinitária de Jürgen Moltmann em diálogo com as duas primeiras fases da pesquisa do Jesus histórico de Albert Schweitzer e Ernst Käsemann* Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 9, n.1. 2018, p. 208.

²⁹¹ Idem, p. 39.

²⁹² MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*, Academia cristã 2020, p. 373-372.

²⁹³ Superego para Freud é um “conselheiro” da consciência (Cf. HOMRICH, A, BORGES, C. *O conceito de superego na teoria freudiana. Tese doutorado* – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008, p. 193-205).

²⁹⁴ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado*. Academia Cristã, Santo André, 2020, p. 371.

capaz de abraçar aquilo que é mais penoso ao homem, aquilo que é escândalo para o homem²⁹⁵, a sua cruz cotidiana.

Dessa fé em Jesus Cristo aliada à maturidade psicológica, emerge a maturidade cristã, que encontra na esperança o seu princípio motor diante do sofrimento: “Portanto, a maturidade cristã nos permite uma libertação da desesperança e das ilusões relacionadas à crise de sentido que enxergamos no mundo contemporâneo. A esperança, para Moltmann, preencheria o vazio que teria tomado conta do homem contemporâneo, e através dela seria possível tornar presente o Reino de Deus”²⁹⁶.

Como supracitado, o homem é um ser de transcendência, lança perguntas acerca da sua existência. Sobre este aspecto, Angelino Tchindombe Kamati diz que quando o homem percorre o caminho dessa pergunta, se frustra, sucedendo até à própria negação de Deus²⁹⁷. O homem, ao mesmo tempo que se vê transcende diante de sua vida, vive em tensão com a sua imanência: “A criatura feita para a plenitude toca a experiência da precariedade da vida, da transitoriedade das coisas, da finitude humana. Apalpa a negatividade do mundo, o nada da existência, o absurdo e a falta de sentido. Parece que nada faz sentido, que tudo é desordem”²⁹⁸. O homem, experimenta assim, o nada da existência, a sua limitação diante da vida, mas deve superar a sua apatia em relação à sua dor e enfrentá-lo de maneira solidária e participativa²⁹⁹.

O aconselhamento pastoral, sobretudo referente àqueles que exercem sua pastoral juntamente com a pastoral da saúde, seja leigo ou ministro ordenado, deve assumir a mesma missão de Jesus. Primeiramente, deixar ressoar a solidariedade de Deus encarnada nos gestos de Jesus. Ter presente na consciência de cristão a gratuidade salvífica de Jesus. Para assim, poder se fiar pelos caminhos da solidariedade, que leva ao encontro do outro que sofre:

As certezas da esperança da escatologia cristã se devem impor à empedernida utopia do realismo, se quiserem manter a fé com vida e transformar o amor em realidades terrenas, corporais e sociais. Para ela o mundo está cheio de todas as possibilidades, das possibilidades do Deus da esperança. Ela vê a realidade e os homens na mão daquele que, da perspectiva final, fala dentro da história: “Eis que faço nova todas as coisas”. E nesta palavra de promessa que ela ouviu, recebe a liberdade de renovar a vida presente e transformar a figura deste mundo³⁰⁰.

²⁹⁵ Cf. 1 Cor 1, 23.

²⁹⁶ BERTOLDO, F. C. *A experiência trinitária de Jürgen Moltmann em diálogo com as duas primeiras fases da pesquisa do Jesus histórico de Albert Schweitzer e Ernst Käsemann* Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 9, n.1. 2018, p. 205.

²⁹⁷ Cf. KAMATI, A. T. *O sentido do sofrimento humano: à luz da carta apostólica «Salvifici Doloris» (Doctoral dissertation)*, 2014. PhD Thesis, p. 56.

²⁹⁸ BINGEMER, M. C. L. *O Deus desarmado – a Teologia da Cruz de J. Moltmann e seu impacto na Teologia Católica*. 2009, p. 239.

²⁹⁹ Cf. ALMEIDA, E. F. *Do viver apático ao viver simpático. Sofrimento e morte*. Loyola, São Paulo, 2006, p. 126-127.

³⁰⁰ MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*. São Paulo, Herder, p. 14.

Para concluir, o conselheiro é aquele que será a presença de Cristo, que iluminará o enfermo diante de sua crise. O significado do sofrimento de Cristo é então, elementar para que o sofrimento seja vivido em união com o mesmo. É preciso fomentar que o enfermo se abra a ação salvífica que lhe desdobra diante do sofrimento, para que ele se una com o Cristo, que irá lhe imputar forças para a caminhada na fé. Por isso, é preciso ter diante dos olhos o mistério pascal da Cruz e da Ressurreição do Cristo, que desceu até a debilidade e impotência humana, mas que se elevou. A Ressurreição é força, é esperança, capaz de romper todo paradigma humano presente e antecipar o futuro benfazejo.

Este nosso presente capítulo delineou acerca da relação da fé cristã com o sofrimento humano, de modo a ter presente que no âmago da revelação de Cristo, se revela sua proximidade com a dor do homem. A nossa abordagem da carta apostólica de João Paulo II, nos elucidou o caminho entre fé cristã e aconselhamento pastoral. E por fim, traçamos uma relação dos elementos da teologia de Moltmann para um efetivo aconselhamento fundamentalmente cristão acerca do sofrimento.

CONCLUSÃO

Em suma, o sofrimento perpassa a vida de todo homem. Propor uma explicação plausível, seja no âmbito filosófico ou teológico, àquele que sofre, é determinante para o mesmo. Não obstante, o homem moderno busca repudiar qualquer forma de sofrimento, basta analisarmos as diversas discussões que giram em torno da eutanásia por exemplo.

O homem busca assim, libertar-se da dor, ou pelo menos um caminho orientativo que elucidie o seu momento presente. Somente quem vive ou viveu uma experiência de sofrimento, ou que presenciou de perto tal situação, pode dizer com propriedade o que ele significou em sua vida. Diante de muitos significados que o sofrimento imputa em nossas vidas, há um sentimento que nos é universal: o abandono.

Sentimo-nos fracos, limitados, impotentes diante do sofrimento. Nossas forças se esvaem e por mais que tentamos nos convencer de que tudo está caminhando bem, vivemos em tensão dentro de nós mesmos, pois compreendemos neste momento, a fragilidade que é a nossa vida. O que nos consolaria nesse momento?

Acaso um Deus complacente e poderoso que com sua mão poderosa arrancasse o nosso sofrer? Neste sentido, parece que a imagem que produzimos em nossas consciências de Deus determinam muito a nossa caminhada junto ao sofrer. Então, como distinguir uma correta relação que devemos estabelecer com Deus neste momento? E mais ainda: qual a identificação da cruz de Cristo com o sofrimento humano?

Diante de muitas imagens de Deus estabelecidas pela teologia e pela Igreja ao longo dos tempos, o teólogo Jürgen Moltmann faz o seu apontamento para a cruz de Cristo. Este apontamento, como vimos, parte de sua “existência teológica”, de sua vida vivida e refletida em consonância com a Palavra de Deus. Por isso, diante do sofrimento decorrente da guerra, o teólogo encontra forças para carregar a sua cruz, pois acredita na promessa estabelecida por Deus para aqueles que confiam em seu Filho: a ressurreição.

Para se chegar à ressurreição, é preciso pois, carregar a sua cruz, negar a si mesmo, as convicções acerca de si e da vida. É preciso caminhar com aquele que sabe sobre o caminho que já efetivou na vida do homem a esperança. Há um motivo caminhar em meio dor, pois Cristo está lá, o próprio Deus se une ao sofrimento humano e o reveste de esperança. Tal união, não obstante, revela também a solidariedade de Deus para o gênero humano. Solidariedade que o faz se despojar de si mesmo para revelar a sua simpatia para com o homem e sua total proximidade.

Nossas asserções circunscritas a partir da teologia de nosso autor e de seus comentadores, nos proporcionaram à chegar a duas considerações cristológicas relevantes para compreender a pessoa de Jesus Cristo: uma cristologia escatológica e solidária. A partir dessas considerações cristológicas, podemos concluir num primeiro momento, que a definição de nosso teólogo acerca de uma cristologia escatológica, faz irromper na vida daqueles que creem em Jesus, o despontar de uma história escatológica já experimentada no seu horizonte presente. Assim, toda dor e sofrimento presente encontram em Jesus a sua superação.

Não obstante, a cristologia de Moltmann se apresenta como solidária, ao passo que revela o ser de Deus que se configura pela proximidade com o homem. O Deus de Jesus Cristo, para o nosso teólogo, não se identifica como a concepção de Deus forjada pela metafísica, que se pode definir por sua *aphateia*, ou seja, sua incapacidade de ser afetado por influência externa. Deus se assim o fosse, seria impassível diante do sofrimento humano.

Ao contrário de um Deus apático, o Deus bíblico que se revela em sua proximidade com o homem, revela também o seu *pathos*. Deus tem amor e sofrimento ardente pelo homem e provou isso até as últimas consequências pela vida de seu Filho. Esse elemento teológico de Moltmann é relevante para nosso estudo, pois elucida um Deus que capaz de amar o homem incondicionalmente e que por isso, deve gerar no coração de seus seguidores, a mesma solidariedade de Deus. Assim, reafirma-se a lei do amor anunciada através da vida e palavras de Jesus.

Essa mesma solidariedade de Deus é pedida a cada discípulo de Jesus. Contudo, Moltmann estabelece ainda uma libertação psíquica de todo homem a partir da prerrogativa da solidariedade divina. Em termos freudianos, o teólogo aponta que até mesmo a abordagem da psicologia analítica é incapaz se distanciar da realidade da promessa divina. O homem religioso, pode gerar padrões neuróticos a partir de seus rituais que o levam à apatia e à insensibilidade com a dor do outro.

A este homem, Moltmann categoriza de maneira veemente que é imaturo, que ainda não alcançou a maturidade querida por Jesus em seus discípulos. É preciso compreender no abandono de Jesus na cruz, a total solidariedade de Deus que se abandona pelo gênero humano. Assim, é preciso que cada cristão busque em seu modo de viver o cultivo desse mesmo amor solidário, que não encontra sua origem em seu próprio ego, mas unicamente na solidariedade de Deus. O homem então, se abre em *sympatheia* para o *pathos* de Deus.

É sob este construto teológico que nosso trabalho prosseguiu rumo ao âmbito pastoral. Todo cristão, em seu trato pastoral deve ter presente em seu ministério esta lógica de abertura à solidariedade de Deus, não somente para o exercício de seu serviço junto à messe do Senhor,

mas sobretudo para que alcance a maturidade que a fé cristã lhe imputa diante do sofrimento. Neste sentido é que João Paulo II em sua carta apostólica *Salvifici Doloris* chama a atenção por se referir à comunidade sob o temo terapêutica, ao passo que através de seu serviço comum, é capaz de curar, de fomentar bem-estar aos que sofrem.

O aconselhamento pastoral, em seu esforço de ser extensão do ministério de Cristo, deve estar atento sobretudo ao aspecto da solidariedade, que para o Papa, se identifica com a figura do bom samaritano. O bom samaritano se identifica naquele que sofre e por isso, é capaz de acompanhar aquele que estava necessitado. Ele se solidariza com aquela situação, tem simpatia diante do sofrimento do outro.

Sob este ponto, podemos aludir ao atual pontificado do Papa Francisco. Bergoglio acerca da atitude de cada cristão diante de inúmeras realidades humanas, salienta que é preciso “primeirar”. O cristão precisa tomar atitude, ir ao encontro daqueles que sofrem, não se podem esquivar. E é capaz de tomar essa atitude, justamente porque experimenta em sua vida cristã o que a maturidade de sua fé lhe proporciona em termos escatológicos. Como homens gerados pela e na esperança, todo cristão é maduro e com isso, capaz de diligentemente carregar a sua cruz com audácia, ou seja, têm dentro de si o impulso promovido pelo mesmo Espírito de Deus que impulsionou Jesus em seu ministério.

O homem que acolhe o amor solidário de Deus, se torna assim, *homo sympatheticus*. É amigo de deus e capaz de amar como Deus ama. Tal prerrogativa de Moltmann aborda os fundamentos da vida cristã: a configuração com Cristo. Na vida em Cristo há, portanto, uma participação nos mistérios de Cristo. E assim, toda nossa vida, lida nos mistérios de Cristo ganha novos tons. Em nosso viver, sofrer e morrer, não estamos abandonados. A nossa cruz cotidiana não a carregamos sozinhos, pois ali Jesus está, o próprio Deus.

Em nossos resultados, compreendemos a generosidade de Cristo em sua paixão, a sua total entrega e solidariedade ao seu Pai. O escândalo da dor é assim superado por uma resposta de amor que Cristo convida a cada um dar a Deus. Resposta que exige a superação do homem dentro de sua própria humanidade, rumo à maturidade do homem aberto à Deus, o *homo sympatheticus*. Jürgen Moltmann em sua teologia, nos apresenta que em toda cruz da história humana, Deus ali está. E em toda dor, em todo sofrimento se revela um Deus que caminha junto que conduz o homem à sua glória de ressurreição.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Edson Fernando de. *Do viver apático ao viver simpático* Sofrimento e morte. Loyola, 2006.
- ANDRADE, Aila Luzia Pinheiro. *A teologia e o sofrimento no contexto pós-moderno:: pistas para o aconselhamento pastoral*. Estudos teologicos 56.2 (2016). Disponível em: < <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/726>>. Acesso em: 20 de Abril 2021.
- ARANTES, P. C. *Kairós e Chronos: Origem, significado e uso*. Revista Pandora Brasil, 2015. Disponível em: < http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/kronos_kairos_69/paulo.pdf>. Acesso em: 22 de Abril de 2021.
- AGUIAR, E. P. C. *Deus e o sofrimento na obra "o Deus crucificado de Moltmann*. Universidade Católica do Pernambuco, 2018.
- BARBOSA, Alex Durães. *Teologia da cruz: um olhar humano ao deus crucificado*. In: *Anais do Congresso Estadual de Teologia*. 2016. Disponível em: < <http://www.anais.est.edu.br/index.php/teologiars/article/view/513>>. Acesso em: 26 de dAbril de 2021.
- BARROS, Marcelo. *Hino de resistência do povo excluído: uma leitura latino-americana do 4º Cântico do Servo Sofredor*. Estudos Bíblicos. V. 28 N. 105. 2022. Disponível em: < <https://revista.abib.org.br/EB/article/download/563/547>>. Acesso em: 25 de Maio de 2022.
- BARTH, Karl *Palavra de Deus e palavra do homem*. Fonte Editorial, São Paulo, 2011.
- BERTOLDO, Fernando Cardoso. *A experiência trinitária de Jürgen Moltmann em diálogo com as duas primeiras fases da pesquisa do Jesus histórico de Albert Schweitzer e Ernst Käsemann Azusa*: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 9, n.1. 2018. Disponível em: < <https://azusa.faculaderefidim.edu.br/index.php/azusa/article/view/193/134>>. Acesso em: 28 de Maio de 2022.
- BERTOLDO, Fernando Cardoso. *A teologia da cruz segundo Jürgen Moltmann*. Vox Scripturae – Revista Teológica Internacional vol. XXVII – n. 1. São Bento do Sul – SC, 2019. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/38711/26278>>. Acesso em: 10 de Julho de 2021.
- BINGEMER, Maria Clara. *O Deus desarmado—a Teologia da Cruz de J. Moltmann e seu impacto na Teologia Católica*. Estudos de religião, 2009. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342647>>. Acesso em: 28 de Abril de 2021.
- BORGES-DUARTE, Irene. Prólogo à edição portuguesa in HEIDEGGER, M. O conceito de tempo. Fim do século, 1995.
- CARVALHO, José Carlos. *Notas biográficas e teológicas sobre Jürgen Moltmann*. Humanística e Teologia, 2007. Disponível em: < <https://revistas.ucp.pt/index.php/humanisticaeteologia/article/view/8371>>. Acesso em 16 de Junho de 2021.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Ritual da unção dos enfermos*. São Paulo: Loyola, 2000.

BESSA, Daniela Borja. *Aconselhamento pastoral: desafio para a igreja local* in *Via Teológica* 14.28, 2013. Disponível em: < <https://facbel.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Dia-02julh-Aconselhamento-Pastoral-e-Desafio.pdf>>. Acesso em 20 de Março de 2021.

CARVALHO, Grazielle Silva; FLUCK, Marlon Ronald. *Da apatia à simpatia: uma reflexão da participação de deus no sofrimento humano a partir de Jürgen Moltmann*. Teológica betânia – Fatebe e coordenador de Teologia da Faculdade São Braz. Curitiba-PR, 2007. Disponível em: < http://faculdadebetania.com.br/revista/abril2018/5_da_apatia_a_simpatia.pdf>. Acesso em: 21 de Abril de 2021.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Paulus: São Paulo, 1997.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Paulus: São Paulo, 1997.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Paulus: São Paulo, 1997.

CUNHA, Gladson Pereira. *O sentido da ressurreição de Jesus Cristo na escatologia. Protestantismo em Revista*, São Leopoldo-RS, 2017. Disponível em: < <http://www.est.com.br/periodicos/index.php/nepp/article/view/2810>>. Acesso em: 28 de Março de 2021.

CUNHA, Rogerio Guimaraes de Almeida. *A escatologia do amor. A esperança na compreensão trinitária de Deus em Jürgen Moltmann*. Vozes Acadêmicas, Rio de Janeiro, 2020.

CHENU, Marie Dominique. *Povo de Deus no mundo*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1969.

DUQUOC, Christian. *Cruz de Cristo e sofrimento humano* in *Revista Concilium* nº 119: Espiritualidade – Petrópolis, Vozes, 1976/9.

FRANGIOTTI, Roque, Ivo STORNILO, & Euclides M. BALANCIN. *Padres apostólicos*. São Paulo: Paulus (1995).

FRANCISCO. *Mensagem de sua santidade Papa Francisco para o xxx dia mundial do doente*, 11 de fevereiro, 2022, n. 3. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/20211210_30-giornata-malato.html>. Acesso em: 28 Abril 2022.

ELOY, LUÍS HENRIQUE. *Com Cristo estou crucificado” (Gl 2,19b) Novidade semântica e hermenêutica de um lexema e consciência mística do apóstolo Paulo*. ATeo, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 67-85, jan./abr.2017. Disponível em: < https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=49938&NrSecao=X3&nseqcon=29260>. Acesso em: 15 de Setembro de 2021.

GONZALÉZ-FAUS, José. *Jesus: A figura de homem sofredor* in in *Revista Concilium* nº 119: Espiritualidade – Petrópolis, Vozes, 1976/9.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. *A morte do mártir cristão como uma morte heroica: Repensando algumas Homilias de Basílio de Cesaréia*. *Revista Diálogos Mediterrânicos* n. 5, 2013. Disponível em: <<http://www.dialogosmediterrânicos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/95>>. Acesso em: 24 de Outubro de 2021.

GUTIERREZ, Gustavo. *O Deus da vida*. São Paulo. Loyola, 1989

HAIGHT, Roger. *Jesus: O símbolo de Deus*. Paulinas, São Paulo, 2005.

HOMRICH, Adriana Chaves Borges. *O conceito de superego na teoria freudiana*. Tese doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-13072009-102828/en.php>>. Acesso em: 14 de Outubro de 2021.

HOCH, Lothar Carlos. *Aconselhamento Pastoral e Libertação*. *Estudos Teológicos*, V. 29, N. 1, 1989. Disponível em: <http://ism.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/1054>. Acesso em: 17 de Outubro de 2021.

JOÃO PAULO II, *Carta apostólica Salvifici Doloris*. 2009.

KONNINGS, Johan. *Evangelho segundo João Amor e Fidelidade*. Loyola, São Paulo, 1996.

KAMATI, Angelino Tchindombe. *O Sentido do Sofrimento Humano à luz da Carta Apostólica Salvifici Doloris*. Universidade católica portuguesa Faculdade de teologia Mestrado integrado em teologia. Braga, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16940/1/O%20Sentido%20do%20Sofrimento%20Humano.pdf>>. Acesso em: 04 de Abr. de 2021.

KUZMA, Cezar Augusto. *A esperança cristã: fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann*. Mestrado em teologia. PUC-RIO, 2007. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=11197@1>>. Acesso em: 07 de Set. de 2021.

LACUGNA, C. M. *Dio per noi. La Trinitá e la vita Cristiana*. Tradução de Edemilson Euclides Lovatto. Queriniana, 1997.

LADARIA, Luís F. *O Deus vivo e verdadeiro*. Loyola, São Paulo, 2015.

LEITE, Francisco Geovani. *Da apatia à compaixão: o sofrimento da criação e o sofrimento de Deus em Cristo segundo Jürgen Moltmann*. MS thesis. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5245/1/000407895-Texto%2BCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 21 Out. de 2021.

MARTINS, Alexandre Andrade. *A Pastoral da Saúde e sua importância no mundo da saúde: da presença solidária ao transcender a dor e o sofrimento* in *O Mundo da Saúde* 34.4. 2010. Disponível em: < <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/download/600/540>>. Acesso em: 24 de Out. 2021.

MARTINS, Aildo. *O pensamento escatológico de Jürgen Moltmann* in *Revista Pistis Praxis*, 2022. Disponível em: < <https://pucpr.emnuvens.com.br/pistispraxis/article/view/28798>>. Acesso em: 27 de Junho de 2021.

MAYER-SCHEU, Josef. *Pastoral dos enfermos nos hospitais – ensaio de orientação nova* in *Revista Concilium* nº 119: Espiritualidade – Petrópolis, Vozes, 1976/9.

MOLTMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida*. São Paulo: Loyola, 2002.
 _____ . *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. Ed. Unisinos, 2004.
 _____ . *O Deus Crucificado*. São Paulo: Academia Cristã, 2020.
 _____ . *O Caminho de Jesus Cristo*. São Paulo: Academia Cristã, 2014.
 _____ . *Teologia da Esperança*. São Paulo: Editora Herder, 1971.

OLIVEIRA, Maria Goretti. *Pode deus sofrer?* PUC- SP. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, Vol. 10, n. 18, jul/dez, 2016. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/reveleto/article/view/31213>>. Acesso em: 12 de Julho de 2021.

PASTOR, Félix Alejandro. *A Lógica do Inefável*. Aparecida – Editora Santurário, 2012.

PESSINI, Léo. *Humanização da dor e sofrimento humanos no contexto hospitalar* in *Revista Bioética*, 2009. Disponível em: < http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/214>. Acesso em: 08 de Agosto de 2021.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo, Paulus, 2015.

RUPPERT, Lothar. *O servo de Deus sofredor* in *Revista Concilium* nº 119: Espiritualidade – Petrópolis, Vozes, 1976/9.

SAMPAIO, Rafael da Silva. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. PUC-RIO, 2018. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32661/32661.PDF>>. Acesso em: 16 de Set. de 2021.

SILVA, Francisco Arcanjo da. *A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann*. 2014. Disponível em: < <https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/18349/1/Francisco%20Arcanjo%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 13 de Julho de 2021.

SILVA, Werlen Lopes da Silva. *O Livro de Jó e suas Questões Internas* in *Revista Atualidade teológica*, Ano XVI nº 41, PUC-Rio. 2012. Disponível em: < https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=50959&NrSecao=X3&nrsqcon=21679>. Acesso em: 29 de Agosto de 2021.

TEIXEIRA, José Antônio Pinheiro. *O mistério do sofrimento: problemas e possibilidade* in *Revista Didaskalia*, 2000. Disponível em: < <https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/1534/1460>>. Acesso em: 23 de Julho de 2021.

VILA-CHÃ, João J. *Igreja de mártires o martírio como símbolo e condição do ser-cristão* *Revista lusófona de ciência das religiões* – ano VIII, 2009 / n. 15. Disponível em: < <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/article/view/3854>>. Acesso em: 26 de Junho de 2021.

ZATHURECZKY, Kornel. *The messianic disruption of Trinitarian theology*. Rowman & Littlefield, 2009. Disponível em: < <https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=onkzke5o2gsC&oi=fnd&pg=PP5&dq=ZATHURECZKY,+Kornel.+The+messianic+disruption+of+Trinitarian+theology.+Rowman+%26+Littlefield,+2009.&ots=ALlzuP1PPG&sig=s5ENUrL5cQTJq0rZQc3O7H9TK68>>. Acesso em: 15 de Abril de 2022.

WESTERMAN, Claus. *O clamor dos oprimidos* in *Revista Concilium* nº 119: Espiritualidade – Petrópolis, Vozes, 1976/9.